

"Era o lugar sagrado, cingido de montanhas..."

"A sua topografia interessante modelava-o ante a imaginação daquelas gentes simples como o primeiro degrau, amplíssimo e alto, para os céus..."

"...e desaparecendo depois, rápidos precipitando-se para a aldeia sagrada."

Euclides da Cunha ■ **OS SERTÕES**

1ª PARTE ■ A SECA

ANTÔNIO CONSELHEIRO

Lembro-me muito bem da primeira vez em que ouvi falar de Antônio Conselheiro.

Era uma noite abafada em que não conseguia conciliar o sono. Virava-me de um lado e de outro na cama, procurando afugentar as preocupações do dia, mas inutilmente. O sono não vinha mesmo. Por fim levantei-me, abri a janela do casinholo e respirei, devagar, o ar quente que vinha da caatinga[1]. Fora, a vegetação ressequida se estendia ao luar. Tudo em silêncio. Um ou outro grilo, trilando.

Fiquei então, longo tempo, olhando para a copa da gameleira[2], embaixo da qual descansava o boi Pomboca, para a moita de sucupiras[3], onde estava a cacimba[4], para o caminho acinzentado de poeira, por onde passavam, nos últimos dias, tantos grupos de homens, maltrapilhos e famintos, andando sem destino... De repente, ouvi vozes abafadas, junto ao paiol[5].

Prestei atenção, sem poder, entretanto, distinguir as palavras cochichadas no silêncio da noite. Depois saí, pé ante pé, ganhei a área dos fundos e, caminhando rente à parede, aproximei-me da velha construção de tábuas.

O luar permitia ver dois vultos de cócoras, conversando. Um deles era meu padrinho, nhô Chico. Bom homem, aquele. Ajudara a me criar. Tinha uma grande dívida de gratidão para com ele. Sempre alegre e brincalhão, mas homem desassossegado hoje estava aqui, amanhã já havia desaparecido. Ficava, às vezes, meses fora. Quando perdíamos as esperanças de que voltasse, lá aparecia, na curva da estrada. E nos dizia sobre terras estra-

---

[1] **caatinga**: vegetação característica do Nordeste.
[2] **gameleira**: árvore grande de folhas verde-escuras.
[3] **sucupiras**: árvores do cerrado e matas secas.
[4] **cacimba**: pequeno reservatório de água, olho d'água.
[5] **paiol**: compartimento destinado à guarda de gêneros. Tulha.

nhas e gente diferente. Ficávamos a ouvi-lo, muito atentos, pois contava as coisas com muita propriedade. Aliás, nunca se sabia mesmo se, no dia seguinte, o andarilho não ia de novo desaparecer numa curva do caminho. Por isso, o apelidaram de Chico-Vira-Mundo. E, por extensão, Donana era Donana-Vira-Mundo, e eu, Didico-Vira-Mundo...



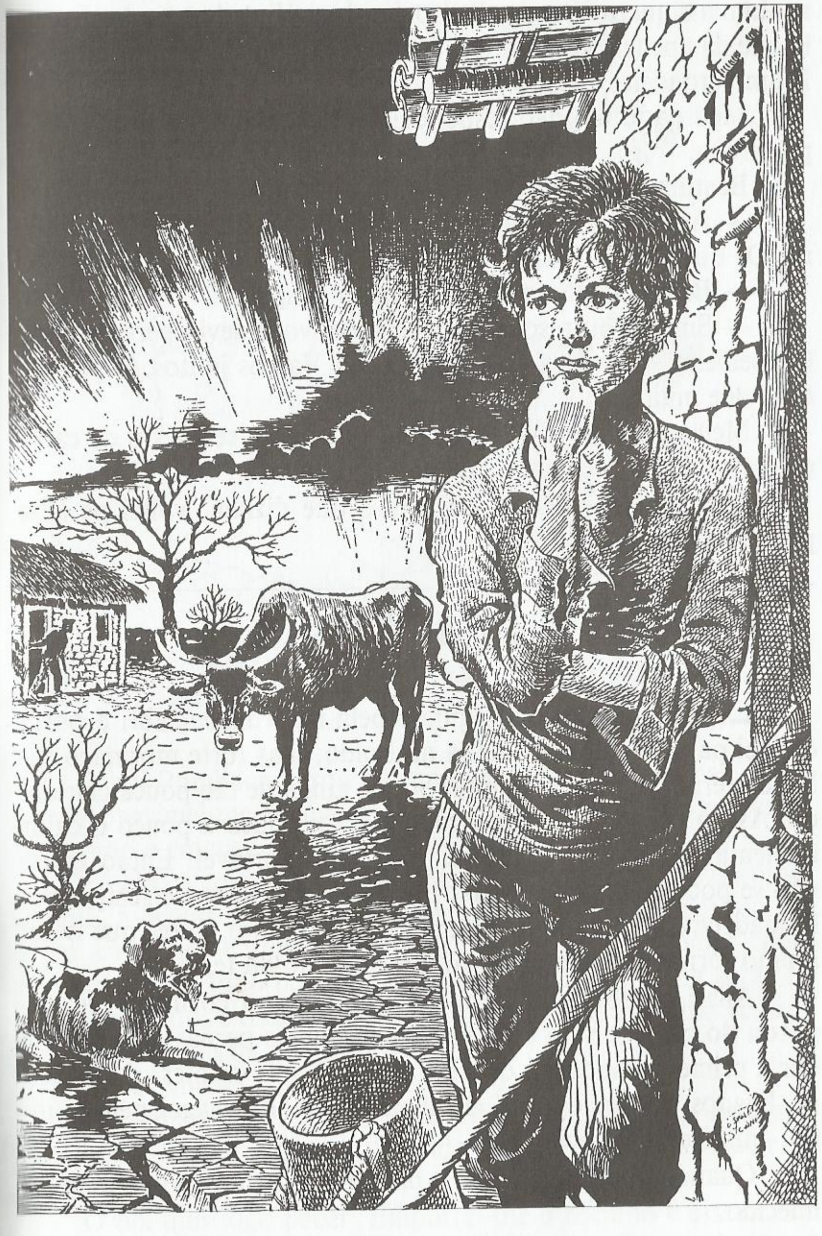
Consegui ouvir:

— Você está bem certo disso, Antônio Beatinho? — perguntava meu padrinho ao outro.

— Pois é o que digo, Chico, eu já me decidi, vou seguir o "santo". Ele tem feito milagres. O povo do sertão acredita. Certas coisas, só vendo!

— Você devia ir comigo para o Acre, Beatinho. Lá é bom e o dinheiro corre à vontade! A borracha é como o ouro. A gente enriquece e depois volta pra cá, monta um engenho e pode levar uma vida melhor.

— Não, Chico. Meu destino é outro. "Ouvi" o chamado do Conselheiro e vou seguir com ele, mundo afora. Não quero



Caminhando rente à parede,
Didico aproximou-se da velha construção de tábuas.

nenhuma riqueza. O conselheiro é pobre. Vive de esmola. Esmola que dá apenas para um dia. Dorme em cima de uma tábua nua. É um verdadeiro "santo".

Meu padrinho não respondeu. Acendeu o cigarro de palha, pigarreou.

Beatinho concluiu:

— Acabei com tudo o que era meu, para seguir o Conselheiro. De que vale a riqueza?

— Bem... não gosto de contrariar ninguém!

— Sim, estou resolvido. Acho que você devia perguntar ao Conselheiro sobre essa viagem ao Acre. Vamos juntos. A palavra dele vale muito.

Meu padrinho não respondeu. Mas, pelo seu gesto de cabeça, percebi que aceitara a sugestão de Beatinho.

Sem compreender muito bem o que diziam, voltei pé ante pé para a cama.

A CACIMBA

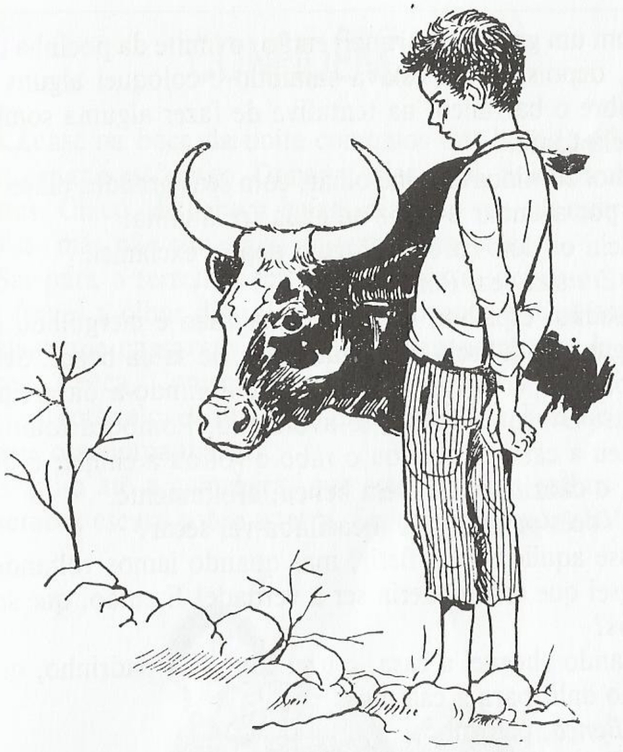
Levantei-me no dia seguinte pela madrugada, abri a porta e olhei para o tempo. O dia ia nascendo, mas forte mormaço subia da terra naquelas primeiras horas, ainda de tão pouca claridade. Assim acontecia durante todo o mês: pouco a pouco o calor aumentava, aumentava até se tornar insuportável. Então quase não se podia fazer mais nada. Por isso, levantava-me sempre pela madrugada, para aproveitar melhor o tempo, antes que o sol a pino tornasse quase impossível o trabalho na terra.

Alisei o cabelo desgrenhado e saí para a cozinha. Tigüera saltou do canil[6] e veio esfregar-se em minhas pernas, como a me dar a primeira saudação do dia. Apanhei dois corotes[7] de madeira, ligados por uma corda, e fui caminhando devagar pelo quintal, em direção à cacimba.

Quando cheguei em frente da gameleira, ouvi um berro conhecido.

---

[6] canil: abrigo, casa de cachorro.
[7] corotes: barriletes para transportar água.



O boi Pomboca parou de ruminar e ficou a me olhar.

Aproximei-me do animal, dei-lhe duas pancadinhas no pescoço ossudo e coloquei-lhe no lombo os corotes.

Pomboca tomou morosamente o trilho que levava ao olho-d'água, a brotar preguiçoso do barranco. Então alonguei o olhar pelos arredores, e uma sensação de tristeza pareceu tomar conta de mim. É que tudo por ali ia ficando reduzido a palha seca. Os poucos arbustos e o capim estavam mortos, com as folhas retorcidas, as sucupiras só nos galhos.

E a cacimba?

Olhei mais uma vez para aquele fiozinho que nascia sem pressa do barranco esturricado, fazendo um gluglu preguiçoso, e fiquei alarmado.

O boi quis logo beber. Empurrei-lhe o focinho e disse:

— Espera um pouco, amigão. Quem pega água primeiro é aqui o patrãozinho.

Ele pareceu entender.

Com um graveto marquei, então, o limite da pocinha d'água, pra ver, depois, se ela estava sumindo e coloquei alguns galhos secos sobre o barranco, na tentativa de fazer alguma sombra sobre aquela fonte.

O boi continuava a me olhar, com seus grandes olhos tristes, ansioso por afundar o nariz na água fresquinha.

Enchi os dois corotes d'água, depois exclamei:

— É a sua vez, Pomboca.

Pesadão, espichou o pescoço magruço e mergulhou o focinho n'água, até a areia do fundo. Mas ele sabia beber. Seus beiços roxos e ásperos filtravam a água, livrando-a da areia e das pedrinhas. O ventre do boi se avolumou. Pomboca tomou fôlego, ergueu a cabeça, abanou o rabo e voltou a chupar o líquido. Tigüera, o cãozinho, também bebeu, afoitamente.

— Vocês pensam que a cacimba vai secar?

Disse aquilo sem refletir, mas quando íamos voltando para casa pensei que essa poderia ser a verdade! E então, que seria de todos nós?

Quando cheguei a casa, cruzei com meu padrinho, que saía apressado dali, para a caatinga.

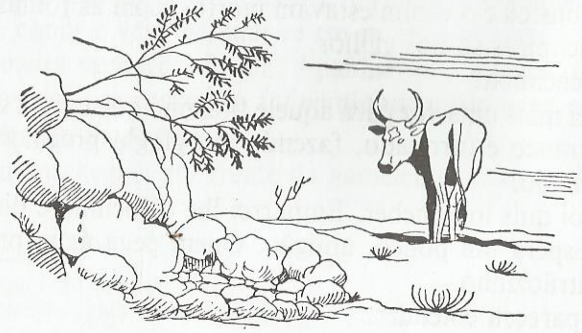
— *Bença*, padrinho.

— Deus *abençoi*.

E lá se foi ele pelo trilho.

Donana, minha madrinha, lidava na cozinha, como todos os dias, mas tinha os olhos vermelhos de tanto chorar...

O motivo era o da partida do marido, que ia outra vez deitar pernas no caminho... Chico-Vira-Mundo não conseguia ficar por muito tempo em um só lugar.



CONFIDÊNCIAS

Quase na boca da noite comemos uns bocados de farinha para enganar o estômago. Donana, silenciosa, tinha os olhos muito tristes. Chico, de cabeça baixa, dizia de vez em quando alguma coisa, mas não conseguia animar a conversa.

Saí para o terreiro, em frente da casa, deixando o casal a sós, e fiquei a olhar distraído para o poente e para as aves migratórias[8] que passavam em bando, anunciando, cada vez mais próxima, a seca. Começava a escurecer. Pouco depois senti um toque no cotovelo. Voltei-me. Era padrinho. Fez-me um sinal para que o acompanhasse.

Segui-o até a gameleira, que estendia seus galhos largando uma sombra escura sobre a terra. Sentamo-nos por ali.



[8] **migratórias**: aves que periodicamente se deslocam de um lugar para outro.

Percebi que queria fazer uma confidência. Mas, encabulado, não sabia como começar. Eu procurava disfarçar e, com um pauzinho, ia riscando o chão, enquanto ele continuava indeciso até que desatou a língua:

— Sabe, Didico, você pra mim é como um filho. Cresceu aqui com a gente e tem sido sempre um bom menino.

Baixei os olhos, acanhado com aquele elogio dito assim no silêncio da noite, com voz tão sincera. Meus olhos encheram-se de lágrimas.

— Não fale assim, padrinho.

— Sim, digo porque é verdade. Ainda agora, deixo tudo nas suas mãos e de Donana. Você só tem doze anos. Mas vale mais que muito homem barbado. Eu não consigo mudar. Tenho que seguir meu destino e tentar arranjar coisa melhor longe daqui. Se for feliz, todos nós vamos ter um bom futuro. Esta vida cruel aqui na caatinga, lutando com o tempo, morrendo de medo da seca, sendo vencido por ela, não dá mais. Eu não agüento!

Seca! Essa palavra soou em meus ouvidos de um modo estranho.

Nhô Chico, percebendo a minha reação, confirmou:

— Sim, este ano ela vem aí. A nossa inimiga está chegando.

Fiz um sinal afirmativo com a cabeça, concordando.

— Seja o que Deus quiser! — respondi.

— Tenha coragem, pois pra tudo há remédio. Deixo aí pra vocês dois alguns trocados. Estão escondidos atrás do oratório. É tudo o que tenho. Mas meu medo é daqui pra frente.

Fiquei olhando para ele, sem entender direito e Nhô Chico voltou a falar, sério:

— Agora, Didico, uma outra coisa. É bom você ficar prevenido.

Percebi que ele queria entrar no ponto mais importante da sua conversa.

— Diga, padrinho.

— Sigo preparado pra tudo. Quero dizer... Você compreende... Vou fazer uma longa e penosa viagem. O Acre é selvagem. A vida lá corre perigo. Pode ser que nunca mais volte...

— Não diga isso, padrinho...

— Sim, quando a gente segue para uma viagem assim, não pode contar com o dia de amanhã. Espero, no entanto, que tudo corra bem. Meu gosto é correr mundo. Mas, talvez, você algum dia...

— Não tenho vontade de deixar o Corumbê, padrinho!

— Já ia me esquecendo! Tenho lá dentro uma carta, escrita para o seu pai, foi há tanto tempo que nem me lembrava mais dela.

E saiu apressado.

Num instante vieram-me à lembrança episódios da vida de meu pai, que mal conhecera e que, na opinião de padrinho, tinha sido um valente.

Dez anos antes ajudara a transportar um enorme bloco de ferro que caíra em Bendengó, pesando mais de sete mil quilos. Esse bloco, segundo diziam, viera do céu e, anos depois, fora levado, através do sertão, até a cidade. Meu pai participara desses trabalhos, conduzindo o carretão, com muitas juntas[9] de bois, e agüentara a dura tarefa até o fim. Um feito muito importante.

Mas aquela carta, o que seria? Nhô Chico nunca me falara de tal carta para meu pai...

Ouvi passos de meu padrinho, que voltava.

— Está aqui. Você já sabe ler alguma coisa. É um pedido para seu pai ir até Salvador ou mandar alguém em nome dele. Não diz para que, mas pode ser coisa importante. Quando a carta chegou, seu pai já tinha morrido. Ele faleceu um ano depois que aquele pedaço de estrela foi-se embora. Talvez algum dia você possa ir até a capital saber do que se trata. Guarde bem esta carta. Seu pai foi um homem e tanto, de quem nunca me esquecerei. Que saudades!

Aquelas palavras sinceras muito me emocionaram.

— Queria dizer, também, Didico... Eu e Donana não temos filho. O Corumbê não vale muito, mas é um bom pedacinho de terra.

— Gosto muito daqui, padrinho!

— Pois seja feliz aqui, menino. Já passei um documento pra você, lá na vila, um testamento[10]. Quando eu e Donana fecharmos os olhos, isto fica sendo seu...

— Não fale desse modo, padrinho.

Ele abraçou-me com carinho e conversamos por longo tempo.

---

[9] **juntas**: parelhas de bois.

[10] **testamento**: documento jurídico que expressa a última vontade do testador.

No dia seguinte, pela madrugada, Nhô Chico partiu.



Abri a janela e vi-o desaparecer em meio aos espinheiros e às sucupiras.

Ergui o braço num aceno de adeus, que ele não podia mais ver, e fiquei ali imóvel, muito triste.

Da terra subia um mormaço desanimador.

— Adeus. Seja feliz! — murmurei.

PROVA DE SANTA LUZIA

Continuei minha vida de trabalho diário, quase sem modificações. Donana não disse mais palavra sobre o marido. Mulher corajosa aquela! Fazia os serviços da casa e me ajudava na roça. Aceitou a resolução do marido como uma fatalidade. Não disse que fosse, mas também não se opôs.

Durante toda a semana, nas horas mortas da noite, eu ouvia barulho de gente que passava pelos caminhos próximos. O povo começava a abandonar suas propriedades por causa da seca e aproveitava as horas mais frescas para caminhar, caminhar.

No sábado, quando fui ao olho-d'água, pela manhã, notei que o graveto fincado antes no chão estava um palmo longe da pocinha. Isso me deixou alarmado. Pomboca teve de fazer grande esforço para sugar a água.

Quando voltávamos, o boi olhou para o tempo, aspirou aquele cheiro de cinza e poeira que andava no ar e soltou um mugido longo, fino e triste.

Madrinha me ajudou a tirar os corotes d'água do lombo do boi e fui para dentro. Da cozinha vinha um cheiro gostoso de inhame cozido, de mistura com feijão e farinha.

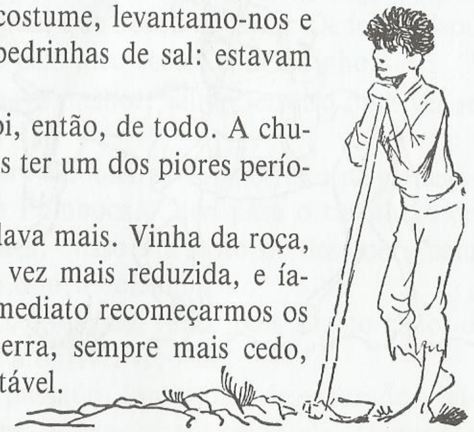
Comi com apetite e, depois, fui à feira da vila, como fazia todos os sábados, mas voltei mais cedo que de costume, com medo de deixar madrinha sozinha. Passavam tantos retirantes pelas estradas! Gente boa, mas desesperada, pelo sofrimento e pela fome.

Nos dias que se seguiram, acentuaram-se os sinais da seca. Dias curtos e sem crepúsculo. Aves de arribação cortando os céus.

Esperamos até o dia 12 de dezembro e, como a chuva não veio, Donana me aconselhou a fazer a prova de Santa Luzia.

Ao anoitecer, colocamos ao relento seis pedrinhas de sal. Cada uma delas, como me explicou madrinha, representava um dos seis meses seguintes, de janeiro a junho. Se no dia imediato, ao romper da madrugada, a primeira ou a segunda ou qualquer delas estivesse desfeita, então era certo que, no mês que ela estava representando, teríamos a chuva salvadora para as nossas roças e para alimentar o olho-d'água. Era desse modo que todos os sertanejos procediam para verificar se teriam alegrias nos meses seguintes.

Fomos dormir esperançados e, no dia seguinte, dia 13, mais cedo que de costume, levantamo-nos e fomos olhar para as seis pedrinhas de sal: estavam inteirinhas.



Nossa esperança se foi, então, de todo. A chuva não viria mesmo e íamos ter um dos piores períodos de seca.

Donana quase não falava mais. Vinha da roça, preparava a comida, cada vez mais reduzida, e íamos dormir, para no dia imediato recomeçarmos os trabalhos de preparo da terra, sempre mais cedo, por causa do calor insuportável.

O FIM DE POMBOCA

Os caminhos eram tomados por levas de retirantes, que vinham pedir comida e água. Eram muitos.

Eu temia que, no desespero, alguns tentassem contra a nossa casa. Contavam-me coisas arrepiantes acontecidas em fazendas vizinhas, em ocasiões como aquela.

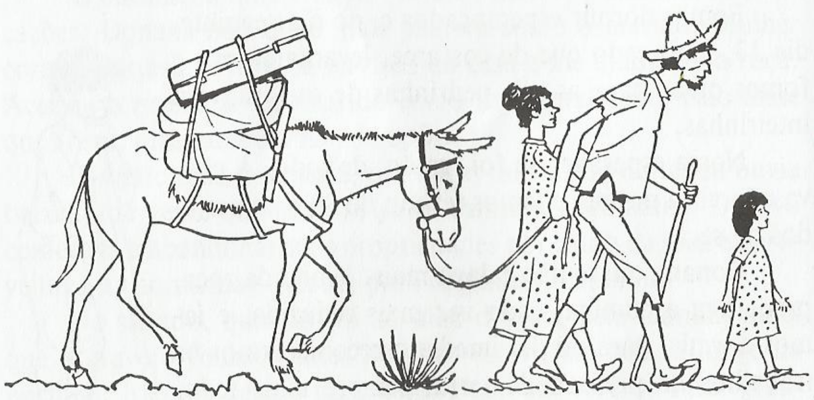
Passava as noites sobressaltado e não ia para a rede antes de verificar se portas e janelas estavam bem fechadas. Ouvia, tam-

bém, a madrinha tossir. Aquela tosse vinha de longe. Havia períodos em que aumentava, outros em que quase desaparecia.

No sábado seguinte ela não quis ir à feira, como de costume. Não se sentia bem e passara insone toda a noite anterior.

Pela madrugadinha saí de casa, com as poucas coisas que levava para vender. Perguntei à madrinha se queria algum remédio. Pediu-me apenas um xarope de agrião. Saí para a caatinga.

Pelo caminho fui encontrando retirantes[11] vindos de várias partes, onde tinham abandonado seus sítios, plantações ou perdido seus empregos nos engenhos ou nas fazendas de gado.



Na feira, também, o espetáculo era triste, quase sem fregueses.

Voltei para casa sem ter vendido quase nada, pois a maior parte distribuí aos pedintes.

Quando enveredei pelo trilho do Corumbê, já no lusco-fusco da tarde, que ia descendo sem uma brisa para amenizar o calor ardente, tive um pressentimento mau. Apressei o passo enquanto olhava para o reflexo das queimadas no poente, que parecia barrado de sangue.

[11] retirantes: sertanejos que emigram para outras regiões fugindo à seca.

Ao chegar ao terreiro da casinha, notei que um bando escuro de urubus caminhava pelas cercas, com grande barulho de asas. Mas o que podia haver por ali para saciar a fome daqueles famintos?

Ouvi, nesse momento, um ganido doloroso. Tigüera veio se arrastando ao meu encontro. Estava todo machucado. E seus olhos pequeninos pareciam dizer-me tudo o que acontecera. Afaguei-o apressadamente e entrei em casa.

A porta estava aberta e, logo que dei alguns passos dentro, notei um corpo caído sobre o chão de terra batida. Saltei para frente, ergui Donana do chão e carreguei-a depressa para a rede do quarto. Na agitação em que estava nem sabia o que fazer. Procurei reanimá-la, chamando-a em altos brados.

Donana respirava com dificuldade, mas não conseguia falar. Trouxe-lhe um caneco d'água, que bebeu devagar. Depois, alisou meu cabelo, passou a mão pelo meu rosto, com carinho.

Quando notei que estava melhor, saí ao terreiro para ver se alguém nos podia ajudar.

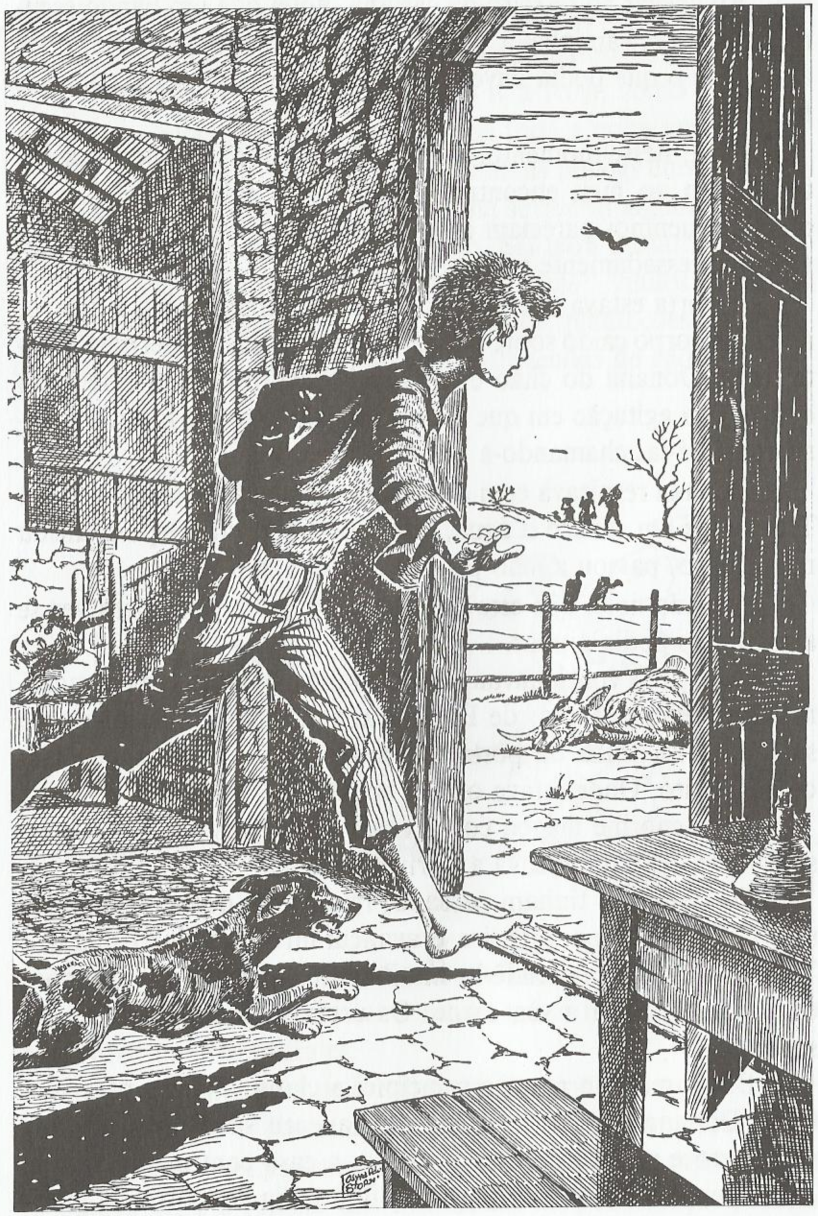
Os urubus continuavam empoleirados na cerca e na gameleira. Lembrei-me, então, de Pomboca. Corri para o casinholo de sapé e abri a folha da porta. Nisso um grito de desespero saiu de meu peito. Onde estava o meu boizinho?

Com enorme mágoa compreendi tudo, pois ali, no chão, o sangue do animal indicava a terrível verdade.

Os retirantes tinham passado, famintos e desesperados. Viram o Pomboca na cocheira e avançaram sobre ele. Donana e Tigüera tentaram defendê-lo inutilmente. Mataram o Pomboca e levaram embora a sua carne. Os urubus davam cabo do que sobejara[12].

Pus a mão no rosto e principiei a chorar. Voltei para junto de Donana que, ao me ver, permaneceu silenciosa, abalada pelo susto e pelo esforço de defender a casa contra os intrusos. Tentou explicar-me o acontecido. Eu já sabia de tudo, não precisava me dizer.

[12] sobejara: sobrara, excedera.



Quando notou que Donana estava melhor,
Didico saiu ao terreiro para ver se alguém podia ajudá-lo.

O FIM DE DONANA

À noite Donana teve vários acessos daquela tosse que vinha se prolongando por tanto tempo. Percebi o esforço que fazia para se conter. Sofria dores.

Levantei-me, várias vezes, para ver se queria alguma coisa, e, dei-lhe do xarope que trouxera da vila, mas sua respiração continuava sempre ofegante.

De madrugada saí para o terreiro. Era impossível conciliar o sono. Chico se fora em má hora. Que desgraça! Olhei para os lados onde ficaram os restos do Pomboca. Nem urubus andavam mais por lá. Fui caminhando para a cacimba, a fim de molhar a cabeça e afugentar o sono da noite varada em claro.

Quando cheguei ao topo do morrinho, olhei para baixo e, então, mal acreditei no que via. Onde antes borbulhava o líquido, fresquinho e gostoso, agora só aparecia o barro escuro. A água havia desaparecido.

Abri e fechei os olhos várias vezes para me certificar de que não estava dormindo. Depois, saltei para baixo, e enterrei a mão na areia úmida. A fonte agonizava, lentamente.

Voltei apressado para casa. Não podia contar à madrinha aquela desgraça. O que seria de nós sem água?

Procurei os corotes. Os retirantes haviam levado tudo embora.

Lembrei-me, então, de que lá no fundo da roça, entre o valo e os carrascais[13], corria um fiozinho d'água em certas épocas do ano. Era longe, mas, se existisse alguma coisa, valia a pena ir buscar.

Fui saltando entre os calhaus[14] e os espinheiros e desci pela encosta até o fundo do valo. Mas ao chegar só encontrei, no lugar do antigo leito, pedrinhas brancas brilhando ao sol e areia seca. A água se havia evaporado ou tomara algum leito subterrâneo.

Mal tive forças para voltar para casa. Quando lá cheguei, me aproximei do quarto de madrinha e espiei por um fresta da porta. Ela parecia ressonar calmamente.

[13] carrascais: matas de arbustos duros e esguios.
[14] calhaus: pedregulhos, pedriscos.

Precisava, imediatamente, ir à procura de nosso único vizinho — o Domingão —, que morava na quebrada da encosta e havia de nos valer e ajudar naquela desgraça.

Quando percebi, estava em frente de uma casinha de barro que parecia abandonada. Bati com força e escutei. Ninguém respondeu. Tornei a bater. Talvez Domingão tivesse ido à vila. Empurrei, então, a folha da porta, que cedeu rangendo e entrei devagar. Estava sem morador. O fogão, com as cinzas espalhadas, indicava que há dias ninguém acendia o lume. O fumeiro[15], sem carne-de-sol. A despensa, com as cuias[16] e gamelas[17] vazias.

Domingão, com certeza, também havia fugido.

Fui voltando devagar para casa, completamente desanimado. Entrei pela cozinha e escutei. Madrinha parecia dormir sossegada. Antes assim! Havia de descansar um pouco.

Tigüera veio, então, até junto de mim e começou a uivar dolorosamente. Passei a mão pelo seu pêlo duro. Ele parecia inquieto.

As horas correram ligeiras. Depois vim, pé ante pé, para junto dela, saber se queria alguma coisa.

— Madriiinha — chamei baixinho.

Em silêncio, ouvia as próprias batidas do meu coração.

— Madriiinha.

Nenhuma resposta. Donana continuava voltada para o lado da parede.

— Madriiinha!...

Não ouvi sua voz. Nem podia ouvir mesmo, nunca mais. Estava morta.

Caí sobre seu corpo frio, chorando. Não, não era verdade. Apertei-a contra o peito.

— Madriiinha, que aconteceu?

Minhas lágrimas molhavam o seu rosto.

Saí cambaleando pelo terreiro e fui andando, andando por ali, sem pressa, sem saber o que fazer.

---

[15] fumeiro: pau sobre o fogão onde se colocam carnes, toucinhos para defumar.
[16] cuias: vasilhas feitas de casca de cabaça.
[17] gamelas: cochos ou vasilhas.

ADEUS À TERRA

Não sei quantas horas estive vagando pela caatinga, sem destino. Nem vi pessoas a quem comunicar a minha dor. Estava só, completamente só. Chico botara pé no mundo, Donana morrera, Pomboca virara comida de retirante. Só me restava aquele pobre cãozinho que seguia meus passos, com o focinho quase a roçar o chão e o rabo entre as pernas.

Sentado na varanda, olhava para a roça, quase toda morta pela seca. Os chuviscos de outubro nos haviam animado a plantar, mas o sol queimante de dezembro tudo arrasara.

Pus-me a andar em direção ao paiol, onde apanhei um enxadão, e resolvi: não valia a pena continuar teimando com a natureza. Olhei para os riscos do arado puxado por Pomboca. Ali esta-





va também um pouco do meu suor e o de Donana na terra que nos dava de comer, quando devolvia em espigas as sementinhas. Ela ia receber seu corpo.

Meti o enxadão entre as leiras[18] de batatas esturricadas e abri uma cova. Entre as plantas que ela ajudara a cultivar, Donana podia ficar, dormindo, dormindo.

Sobre o camaleão[19] coloquei, depois, uma pedra.

Voltei para o casebre e, maquinalmente, meti, no alforje[20] de couro, farinha e uns nacos de carne-de-sol. Atrás do oratório, encontrei o dinheiro deixado por nhô Chico. Nem sei quanto era.

Não devia ficar mais no Corumbê. Mas para onde ir? Não importava, havia tomado minha decisão.

Peguei a carta de meu pai, que meu padrinho me dera antes de partir, e saí; a noite já vinha descendo e, com ela, uma aragem mais fresca. Olhei mais uma vez para a pedra que deixara, assinalando o lugar da sepultura, e parti.

— Adeus!

Fui caminhando devagar pelo trilho poeirento, acompanhado por Tigüera até o caminho mais largo. Não demorou muito e enxerguei um grupo de retirantes a andar com dificuldades.

— Tem água por aí? — perguntaram.

---

18 leiras: elevações de terra entre dois sulcos, canteiros.
19 camaleão: pequeno monte de terra entre leiras de plantação.
20 alforje: saco para ser transportado no ombro das pessoas ou no lombo dos animais.

— Olho-d'água secou! — respondi.

Eles continuaram andando. Perguntaram por perguntar, pois já sabiam a resposta.

— Vocês se importam que eu vá também?

Deram de ombros. Um desgraçado a mais não ia piorar o destino de ninguém.



2ª PARTE ■ CAMINHADAS NO SERTÃO

COMPANHEIROS DE JORNADA

Comecei a acompanhar o grupo de caminhantes, noite adentro. Iam vergados, tristes, imundos pela poeira, os pés machucados pelos espinhos.

Quem dirigia o grupo, isto é, quem ia à frente, como madrinha de tropa, era o Juviara. Barbudo, alto e ossudo, com mochila às costas, indicava o caminho. Para onde ele apontava nós seguíamos. Creio, no entanto, que mal sabia para onde devia nos guiar.

Quando encontrávamos um fiozinho d'água minguada[21] no fundo de um valo, aquilo era como um presente dos céus. Ficávamos ali, sorvendo o líquido pacientemente, com medo que se acabasse. Alguns retirantes chegavam a atolar o rosto no barro, por largo tempo, para se refrescar.

Aos poucos, fui tomando conhecimento de meus companheiros de jornada.

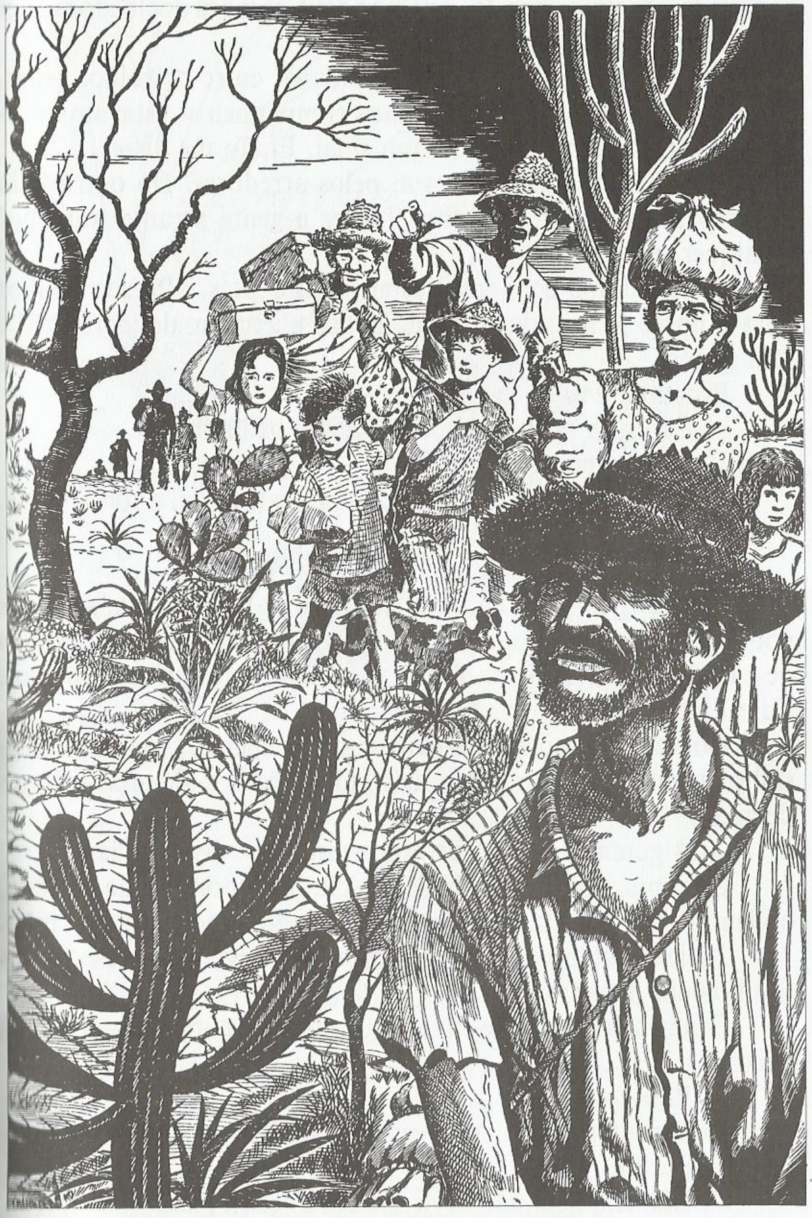
Juviara, valente e incansável, o chefe do grupo, parecia não sentir fome nem sede. Dormia menos que todos e estava sempre disposto a reencetar a caminhada. A família dele era composta da mulher e de um casal de filhos, mais ou menos da minha idade — o Zico e a Mada. Além deles havia o Miguelão, antigo vaqueiro, sua esposa e um filho menor. E tantos outros, de cujos nomes não mais me lembro.

Com o frescor da noite caminhávamos muito. Os primeiros dias foram duros, depois, me acostumei.

AVENTURA NOTURNA

Uma tarde, após largo descanso durante quase todo o dia, acordei com um barulho de gravetos quebrados bem perto. Qua-

[21] minguada: reduzida, diminuída.



Juviara conduzia o grupo de retirantes.
Iam vergados, tristes, imundos pela poeira.

se todos os companheiros repousavam naquela nesga de caatinga protegida por uma encosta, que nos dava sombra acolhedora. Levantei-me apressado.

Vi, então, aparecer a poucos metros, entre os galhos secos, o rosto barbudo de Juviara. Nossos companheiros estavam adormecidos. Ele chamou-me com um sinal. Então me disse:

— Sabe, dei umas voltas aí pelos arredores. Do outro lado da encosta existe um engenho. Talvez a gente arranje trabalho! Qualquer serviço serve.

Juviara falou com entusiasmo, mas depois, olhando melhor para o nosso grupo, desanimou. Todos pareciam alquebrados[22] e sem ânimo.

Procurei, então, encorajá-lo:

— Eu estou pronto. Faço o que me pedirem.

Juviara avisou a filha:

— Mada, diga à sua mãe que vamos sair por aí e voltar tarde.

Chamou depois o filho:

— Venha também, Zico.

Partimos os três, um atrás do outro, pela caatinga, seguidos por Tigüera, e caminhamos um bom tempo até ouvirmos latidos de cachorros. Juviara, na frente, fez sinal para que parássemos. Eu e Zico obedecemos.

Do alto da encosta contemplamos o engenho, com vários casinholos em redor. Do outro lado, plantações e algumas cabeças de gado.

— Alguma coisa hão de nos arranjar — disse Juviara.

Continuamos a caminhada até chegar à porteira de entrada, onde montava guarda um homem de chapéu largo e arma na mão.

Juviara adiantou-se, cumprimentou e disse que oferecia uns dez homens para trabalhar.

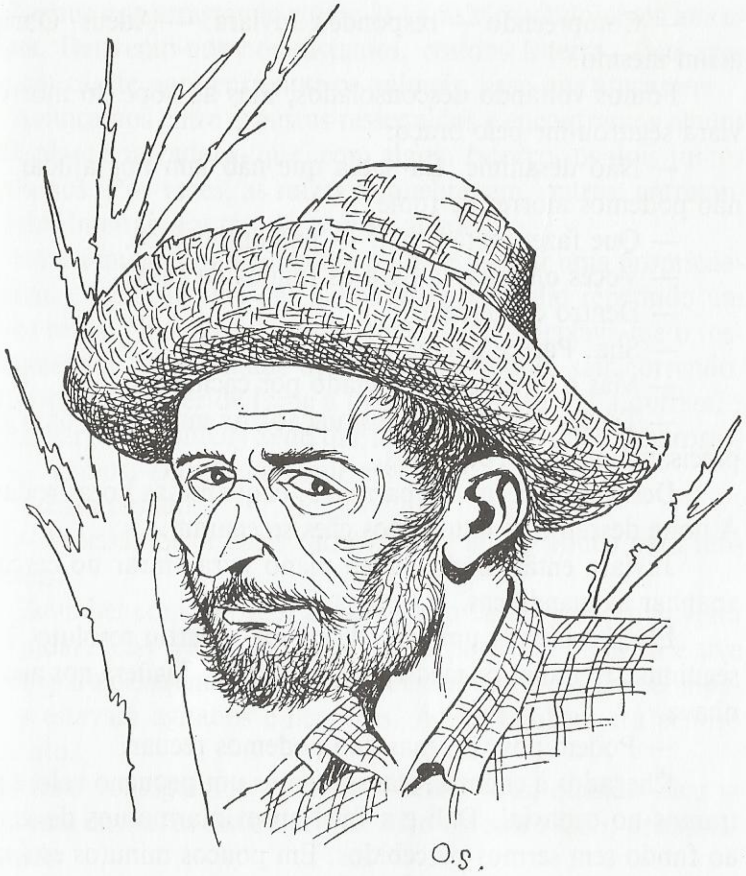
O outro franziu a testa, alisou o bigode e mediu-o de alto a baixo.

— Retirantes?

Juviara confirmou. Nem era preciso. Nosso aspecto, lastimável, dizia tudo.

— Não tem nenhum serviço. Com a seca a plantação morreu.

[22] alquebrados: curvados, enfraquecidos.



— A gente trabalha só em troca de comida! Temos prática de serviço duro!

O homem abanou a cabeça.

— Sinto muito, amigos, mas não tem jeito mesmo.

— Será que não se arranja alguma coisa para comer? — arriscou Juviara.

— Da minha parte podia ajudar, mas sou empregado e estou aqui para não deixar ninguém entrar. Com tanta gente pedindo é impossível. Vão andando!

— Compreendo — respondeu Juviara. — Adeus. Obrigado assim mesmo.

Fomos voltando desconsolados, mas ao sopé do morro Juviara segurou-me pelo braço:

— Não desanime. Eu sabia que não iam nos ajudar. Mas não podemos morrer de fome...

— Que fazer, então, pai? — perguntou Zico.

— Vocês olharam lá para os fundos da casa?

— Dentro do cercado?

— Sim. Parece que há pés de macaxeira.

— Mas o terreiro está vigiado por cachorros.

— Temos de enfrentar a situação! As mulheres e as crianças precisam comer... Todos nós.

Descansamos em um barranco, enquanto as horas rodavam. A noite desceu e os latidos dos cães serenaram.

Juviara então explicou seu plano para entrar no cercado e apanhar as mandiocas.

Ele já trouxera um saco de estopa e partiu resoluto. Nós o seguimos, trêmulos de medo pela noite clara. Tigüera nos acompanhava.

— Podem nos ver, mas não podemos recuar.

Chegados à encosta, transpusemos um pequeno valo e penetramos no canavial. Dali era fácil aproximarmo-nos do cercado ao fundo sem sermos percebidos. Em poucos minutos estávamos rente à cerca de paus-a-pique.

Um cachorro latiu no terreiro. Juviara deitou-se na terra e nós o imitamos. Tigüera também ficou quietinho. Ficamos ali longos minutos, escutando em silêncio, ouvindo só o estalido dos gravetos secos e o cricri de insetos noturnos. O cachorro emudeceu.

— Vocês dois saltam a cerca. Eu fico em cima deste mourão[23]. Em caso de perigo dou um assobio. Combinado?

Juviara colocou a perna direita para a frente e, sobre o joelho, trançou os dedos das duas mãos, fazendo um apoio. Zico pisou ali e alcançou o alto da cerca, saltando depressa. Eu o segui e, imediatamente, Juviara atirou-nos o saco de estopa.

---

[23] mourão: pau que sustenta o arame das cercas.

Fomos nos arrastando, rente às varas e ouvindo uivos ameaçadores. Detivemo-nos por instantes, cosidos à terra. Zico apanhou um cacete para enfrentar os animais, caso nos atacassem.

Avançamos entre arbustos ressequidos e encontramos alguns pés da planta salvadora, que, com algum esforço, os dois juntos arrancamos. Por vezes, as raízes se quebravam, outras, entretanto, saíam inteiras. Eu tremia, sobressaltado.

Nunca imaginara que um dia pudesse invadir uma propriedade alheia e lembrava-me das palavras de padrinho repetindo um livro de rezas. Não matar! Não roubar! Aquilo deixava-me o rosto afogueado. Tive vontade de abandonar tudo e sair correndo. Era preferível morrer de fome a tirar o que pertencia a outrem... Não roubar. Não roubar! Senti que lágrimas caíam pelo meu rosto.

— Vamos, Didico, carregue esse saco!

— Está pesado.

— Precisamos de mais raízes. Isto é muito pouco para tantas bocas...

Caminhei com esforço, arrastando o fardo pesado. Juviara veio ajudar. Mas o saco enroscou-se na ponta da madeira e tive de subir para desprendê-lo. Percebi, então, que meus dois companheiros estavam agitados e nervosos. A eles também era penoso aquele ato.

Afinal conseguimos transpor a cerca, mas, quando Zico ia pular, uma das varas lascou-se e ele caiu do outro lado, precipitadamente.

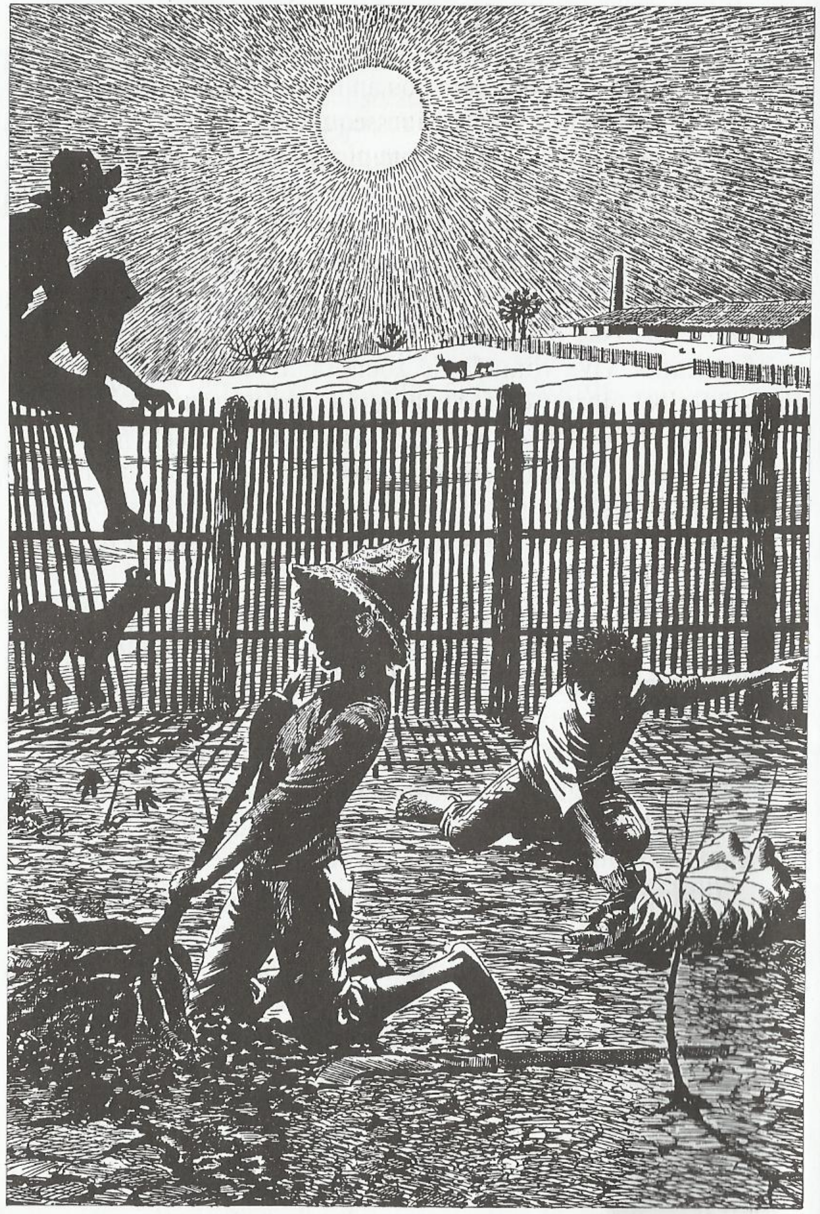
O ruído atraiu a atenção dos cachorros, que vieram em disparada.

— Corram — gritou Juviara, atirando o fardo às costas e ajudando Zico a erguer-se.



Saímos andando às tontas, seguindo Juviara, que mal podia com o volume. Enquanto isso, a matilha aproximava-se perigosamente. Logo adiante havia um valo mais profundo, que eu e Zico saltamos. Juviara ficara um pouco para trás.

Felizmente encontramos um lugar mais alto, entre pedras, para nos proteger e ali ficamos à espera de Juviara. Vimos então quando ele arrancou a camisa e envolveu com ela a boca ameaça-



— *Vamos, Didico, carregue esse saco!*

dora de um cão mais afoito, saindo em seguida em desabalada carreira. Os outros animais puseram-se a disputar a camisa a dentadas.

Quando só restaram pedaços dela, correram atrás de Tigüera, que saiu a ganir em direção a uns espinheiros.

— Logo virá gente atrás de nós.

Nem bem Juviara havia acabado de falar e ouvimos um tiro.

Eu tremia da cabeça aos pés. Zico tinha os olhos arregalados. Só Juviara parecia manter a calma. Com o saco às costas, ia abrindo caminho entre os arbustos.

— O Tigüera ficou para trás — disse, lembrando-me de meu valente companheiro.

— Ele logo vem aí — consolou-me Juviara.

Caminhamos, assim, bom tempo, arranhando-nos nos espinhos e com muita dificuldade. Felizmente Miguelão apareceu para nos ajudar, colocou o saco às costas e partiu em frente.

— Precisamos partir, com todo o pessoal, agora mesmo — disse Juviara.

O pesado fardo foi posto no lombo do jegue de Miguelão. A mulher de Juviara veio cuidar de mim e de Zico. Limpou nossos arranhões que sangravam.

— Mada, traga água para eles.

A menina veio com o corote. Zico bebeu de um fôlego. Eu também. Mas, na afobação da sede, derramei água pelo peito encharcado de suor.

— Quer mais? — perguntou Mada, com gentileza.

— Não, obrigado — respondi, agradecido.



Nossa gente então já partia, reiniciando a marcha. Levantamo-nos e fomos os três no seu encalço.

Eu, entretanto, estava angustiado, pois o Tigüera ainda não voltara.

Felizmente, horas depois, quando fizemos pequena parada para descanso, ouvi uns ganidos próximos. Procurei por ali e encontrei o cãozinho, que vinha se arrastando com dificuldade pelo caminho, tentando seguir os nossos rastos. Estava com o corpo cheio de machucaduras sangrentas.

Abracei-o com grande alegria e carreguei-o no colo.

DIAS DE MARCHA

Ainda hoje, depois de tantos anos passados, me recordo de quase todos os acontecimentos daqueles dias. É verdade que a gente se esquece mais depressa dos maus momentos da vida. Assim é muito melhor. Para que guardar sempre a lembrança das desgraças? Eu era um jovem, cedo atirado à luta e sem contar com ninguém no mundo. Meus pais haviam morrido quando eu era pequeno. Isso me deixava numa situação diferente da maioria dos meninos.

A aventura daquela noite havia de me ligar, entretanto, para sempre com a família de Juviara. Felizmente, ao raiar do novo dia, já estávamos distantes das terras do engenho assaltado e dificilmente nos poderiam alcançar. Só então avaliei bem os perigos por que passara, enquanto tinha a consciência pesada pelo mau ato praticado.

Os dias prosseguiam assim, vezes melhores, vezes piores. Todos entretanto sentiam os efeitos daquela marcha interminável. Nossas roupas estavam reduzidas a frangalhos sobre as peles curtidas por tanto sol e calor.

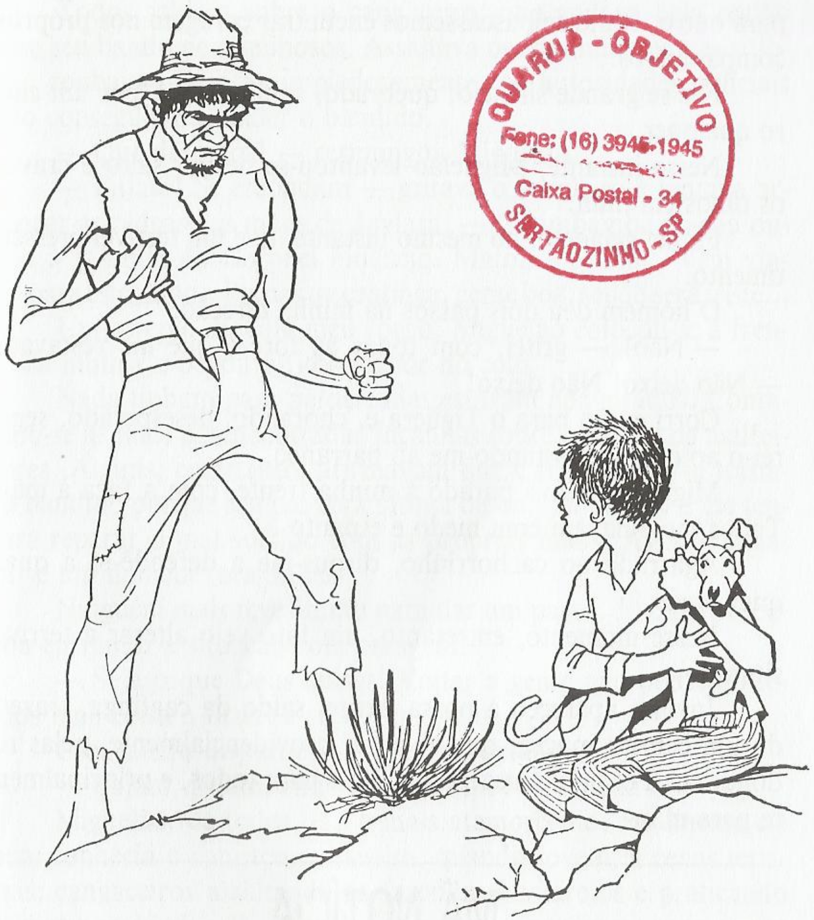
Juviara à frente caminhava com passadas largas, como um comandante invencível e sempre a esperar algum milagre, que não acontecia.

Abatia às vezes alguma caça, farejava de longe os lugares apropriados para os pousos e indicava os melhores rumos a seguirmos.

Eu ia atrás de todo o bando e ajudava a carregar algumas provisões. E conversava de vez em quando com Mada. Ela apenas respondia às poucas perguntas que lhe fazia. Mas se revelava boa e compreensiva.

Eu, infelizmente, nunca tivera amigos da minha idade e a companhia de Zico e de Mada era uma nova experiência. Sua amizade era um novo mundo que eu começava a descobrir.

Como o problema da fome se agravasse, em certa ocasião precisamos sacrificar o jegue de Miguelão, o pobre burrinho que vinha, pacientemente, carregando os nossos poucos tarecos. Não havia outra alternativa. Ou ele ou nós.



O pior, entretanto, aconteceu dias depois, quando se acabaram, novamente, todas as provisões. Miguelão andou, quase todo o dia, pela caatinga, à procura de alguma caça. Voltou tarde, com as mãos abanando. Juviara também pôs-se a campo e ainda não havia regressado. À medida que passavam as horas, todos íamos ficando cada vez mais inquietos. As mulheres começavam a chorar baixinho.

A noite baixou pesadamente, mas um luar leitoso derramava-se sobre a vegetação agressiva que rebentava da terra esturricada. Reunidos em círculo, numa pequena clareira, olhávamos um

para outro, como se buscássemos encontrar coragem nos próprios companheiros.

Fez-se grande silêncio, quebrado, subitamente, por um choro qualquer.

Nesse instante, Miguelão levantou-se de um salto e cravou os olhos em mim.

Fiquei gelado e, no mesmo instante, tive um terrível pressentimento.

O homem deu dois passos na minha direção.

— Não! — gritei, com todas as forças que me restavam. — Não deixo! Não deixo!

Corri então para o Tigüera e, chorando, desesperado, segurei-o ao colo, encostando-me ao barranco.

Miguelão estava parado à minha frente, com a faca à mão. Todos me olhavam com medo e espanto.

Agarrado ao cachorrinho, dispus-me a defendê-lo a qualquer preço.

Nesse momento, entretanto, um fato veio alterar a terrível situação.

Juviara apareceu à nossa frente, saído da caatinga, trazendo um cabrito magro, que abatera, providencialmente, pelas redondezas. Foi uma sensação de alívio para todos, e principalmente para mim.

MÁ NOTÍCIA

Uma tarde, quando partíamos para a caminhada noturna, cruzamos com um cavaleiro em disparada. O animal estava quase morto de cansaço e o homem mal podia falar.

— Fujam. Fujam enquanto é tempo! — gritou ele.

— Que acontece, homem? — interrogou Juviara, segurando as rédeas do cavalo.

— Carimbamba vem aí!

— Carimbamba! Cruz-credo!

As expressões se transformaram. As mulheres tiveram um arrepio e puseram a benzer-se.

Todos sabiam sobre o cangaceiro, que andava pela região com seu bando de criminosos. Assaltava os caminhantes e as sitiocas, roubava e matava impiedosamente. As autoridades policiais não conseguiam prender o bandido.

— Que desgraça! — resmungou Miguelão.

— Fujam! Se escondam — gritava o cavaleiro e tentava arrancar as rédeas das mãos de Juviara. — Carimbamba atacou ontem a fazenda do Coronel Fidêncio. Matou e roubou. Vem vindo para estes lados. Pernas na caatinga, gente boa, senão será triste...

Um arrepio sacudiu meu corpo. Miguelão colocou-se à frente da mulher e pegou o filho menor no colo.

Nada tinham para perder, mas estavam apavorados. Contavam-se as mais desencontradas façanhas sobre o bando de malfeitores. Alguns, entretanto, afirmavam que Carimbamba se tornara bandido porque seu pai fora vítima de uma injustiça. E ele tentara reparar o mal sofrido com as próprias mãos. Assim, tornara-se um homem fora-da-lei.

Ninguém mais teve ânimo para dar um passo. Juviara procurou enfrentar a situação com coragem.

— Seja o que Deus quiser! Voltar a gente não pode. Só temos uma coisa a fazer: é seguir em frente.

O cavaleiro disparou o animal estropiado.

— Fujam, fujam, enquanto é tempo! — repetia.

Miguelão, de todos, era o mais atemorizado. Realmente ele bem conhecia o cangaço e assistira, quando jovem, a cenas terríveis: cangaceiros assaltando as fazendas e vilarejos e praticando crimes e maldades. E, naquele momento, ninguém possuía armas para se defender. Apenas umas quicés[24] de meio palmo. Mais nada.

— Deus é grande! — falou Juviara.

Recomeçamos nossa caminhada cheios de medo.

Eu nunca tinha visto um cangaceiro pela frente, embora meu padrinho sempre falasse deles, principalmente de Carimbamba, que muitas pessoas diziam ser amigo dos pobres. Mas era muito difícil para nós acreditar num bando de assassinos, bem armados, vestidos de couro, para poder afrontar a caatinga, a correr, sempre perseguidos pela polícia volante.

24 **quicés**: pequenas facas.

Sim, havia muito perigo pela frente.

Naquela noite sem estrelas, nossa marcha teve que ser interrompida. Aproveitamos um vale mais fresco, onde um riacho quase desaparecera. Havia apenas um fio de água a correr preguiçoso entre as pedras.

Juviara ficou toda a noite sem pregar os olhos, temendo que, a qualquer momento, aparecessem os cangaceiros.



Vi-o caminhando, de um lado para outro, atiçando às vezes o lume da fogueira. Outras vezes ia até o alto do barranco para vigiar. Temia, também, pelas mulheres.

A meus pés, enrolado, dormia o Tigüera, cada vez mais magruço.

As horas arrastaram-se lentamente e o dia custou a raiar.

Quando os primeiros clarões principiaram a surgir indecisos, muito longe, fazendo destacar os contornos dos morros, Juviara deu ordem de partida. O grupo abalou, conformado em andar, andar...

O PROFETA

Começamos a subir por uma ladeira, que levava a um morro desnudo, com enormes pedras disformes.

O dia não clareara de todo e os contornos dos morros pareciam assumir aspectos de figuras descomunais e ameaçadoras.

De repente, Juviara levantou a cabeça. Um vulto estranho aparecera no espigão e avançava para o nosso lado. Não conseguíamos, devido à distância, distinguir se se tratava de um homem ou de um animal.

Ficamos apavorados. As mulheres seguravam os filhos pequenos, enquanto os homens se colocavam à frente, esperando pelo que pudesse acontecer.

Felizmente as sombras iam-se dissipando e a figura, emergindo da neblina, avançava cada vez mais; aos poucos perdia o aspecto fantasmagórico.

Distinguimos, então, um caminhante, apoiado a um bordão, com longas vestes esvoaçantes, que lhe realçavam o volume do corpo magro e ossudo. Os cabelos desgrenhados e compridos caíam-lhe em mechas pelo pescoço e as barbas enormes davam-lhe um ar selvagem.

O estranho se aproximou devagar e nos saudou com voz cavernosa. Examinou cada um do grupo e, sem nos agredir, levantou o braço e começou a nos benzer. Depois, com palavras bonitas, desejou paz e esperança. Guardei algumas de suas frases, que pareciam muito apropriadas para o momento:

— O sacrifício, a dor, conduzem a criatura à salvação. O Senhor sofreu um calvário pior. A bem-aventurança pertence aos humildes e sofredores. Tudo no mundo é pequeno e passageiro. Grande só Deus e o reino do Senhor. O deserto pertence ao povo eleito. Ao fim dele fica o paraíso.

Embevecidos com aqueles conselhos e muito impressionados, todos se limitavam a olhar para o andarilho, que parecia não ser deste mundo. Vestia um comprido camisolão azul e sua voz rouca e cantante martelava em nossos ouvidos. Quando estava no auge da sua pregação, ouvimos tropel de animais que se aproximavam.

— Quem seria? — indagamos apavorados.

O dia já clareara de todo. O morro, vermelho, descortinava-se agora à vista e o caminho achava-se invadido por nuvens de poeira.

Um arrepio tomava conta de todos. Chegavam os cangaceiros.

Juviara encarou-nos com o rosto em fogo e pediu que todos tivessem calma.

— Seja o que Deus quiser!

Uma só pessoa continuou, entretanto, imperturbável a falar, o bordão à mão direita, os cabelos desalinhados, a perna sobre a pedra. Era o estranho pregador, que parecia crescer mais à nossa frente, em seu roupão esgarçado e sujo.

Imperturbável, mal tomou conhecimento dos recém-chegados, que vinham apenas aumentar o rebanho de pecadores a salvar.

Juviara encolheu-se diante da cabroeira[25] assassina. À frente Carimbamba, o chefe. Tinha uma grande cicatriz na testa, barba rala, pequeno cavanhaque e vestia chapéu de bico. Suas armas

[25] cabroeira: grupo de bandidos, assaltantes.



Uma só pessoa continuou imperturbável a falar,
o bordão à mão direita, os cabelos desalinhados, a perna sobre a pedra.

se entrecruzavam nas costas, sobre o paletó de couro. Os companheiros pouco dele diferençavam no aspecto agressivo.

O pregador parecia indiferente à chegada daqueles homens horríveis.

Carimbamba fez um gesto, todos apearam e, de chapéu à mão, puseram-se de joelhos.

A voz do rústico pregador se elevava na manhã nascente, ensolarada, alongando-se pelo descampado sem fim, misturando-se ao pipilar raro dos pássaros esquivos e ao cricri dos grilos nos paus piúcas[26].

Quando terminou, olhos perdidos no céu, como se dialogasse com os espaços vazios, os cangaceiros avançaram para ele, primeiro Carimbamba, depois os outros e, um a um, beijaram-lhe a mão ossuda e ressequida.

O pregador deu mais uma vez sua bênção para todos, firmou-se no bordão, estendeu a perna magra e, sem mais dizer, ganhou a estrada, no mesmo passo bambo em que viera, as vestes compridas farfalhando, os cabelos enormes escorrendo pelo pescoço.

Nós ficamos ali, encolhidos de medo e estupefatos ante aquelas duas estranhas aparições. Depois, a um gesto de nosso guia, voltamos a andar.

Vimos, ainda, que os cangaceiros foram atrás do profeta e lhe ofereceram um cavalo para sua caminhada. Mas ele agradeceu. Preferia ir a pé, apoiado ao bordão, sem pressa, para falar aos caminhantes que encontrasse e dormir à beira dos trilhos, no chão duro dos ranchos abandonados.

Carimbamba e seu bando se foram a galope.

Juviara, ao reencetar a marcha, parecia tomado de novo entusiasmo. Aquele encontro lhe fizera bem.

— Vocês ouviram os cangaceiros dizer? — perguntou Miguelão, com voz quase apagada.

Juviara escutou-o.

— Que esse velho é o Conselheiro?

— O Conselheiro?

— Ele mesmo!

— Antônio Conselheiro, o profeta? — perguntou Juviara.

[26] piúcas: paus caruchados ou podres.

— Salvou nossas vidas! Se não fosse por ele, aqueles bandidos podiam nos atacar!

Recordei-me, então, dos causos de Antônio Beatinho, certa noite, no casinholo do Corumbê. E ao ver aquele homem estranho e ao ouvir suas palavras, que tocavam fundo no coração, compreendi o motivo pelo qual tantos sertanejos começavam a segui-lo pelos caminhos do sertão.

MONTE SANTO

Dois anos já se tinham passado desde nossa chegada ao Chapadão, fazenda das cercanias de Monte Santo, um pequeno oásis, com um pouco de verde. Ali encontramos trabalho, pois, com as chuvas ralas que chegavam, recomeçavam os plantios na lavoura. Todos nos apegamos àquela tábua de salvação.

Juviara conseguiu emprego como encarregado e algumas tarefas para a família. Eu também me ajeitei como se fizesse parte dela e Tigüera não era mais o meu cãozinho, mas de Zico e Mada também.

Nhô Tico Leite, o dono do Chapadão, à primeira vista não despertara simpatia, mas depois reconheci ser uma boa pessoa. Depositou confiança em Juviara e, logo, pudemos participar também de resultados na atividade agrícola.

Mas eu não me esquecia do Corumbê, aquele cantinho de terra, lá na caatinga, da cacimba, do boi Pomboca.

Cada vez que pensava na casa de meu padrinho, vinham as saudades, que me faziam os olhos cheios de lágrimas. E Chico-Vira-Mundo, por onde andaria? Será que havia chegado ao Acre? Pobre padrinho. Ele precisava saber que Donana morrera, Pomboca virara comida de retirantes famintos, a cacimba havia secado. Que eu... sem mais ninguém, precisara deixar tudo e ir embora, sem destino... Qual seria meu futuro?

Não gostava de me recordar dos duros dias de sofrimentos. Afinal tudo passara e dias melhores começavam a chegar. Mas eu precisava ir a Salvador.

Aquela carta dirigida a meu pai há tantos anos, e que eu continuava a guardar com todo cuidado, deveria ser levada à ca-

pital. Tinha ela relação com os trabalhos que o velho havia prestado no transporte do bendengó. Por pensar naquele fenômeno lembrei-me de que ali, no Chapadão, eu estava próximo do riacho Bendengó e do lugar em que caíra do céu aquele pedaço de ferro. Interessante, um pedaço de ferro cair do céu. Pelo menos era o que diziam. E todos o chamavam de meteorito[27]. Por que, só mais tarde fiquei sabendo.

Certo domingo fui passear com Zico e Mada em Monte Santo. Estranha povoação aquela. No cume de uma montanha ficava uma capelinha. Contaram-me que fora construída por um missionário — há muitos anos. O religioso, olhando para a serra, achou-a muito semelhante ao Calvário de Jerusalém e imaginou reproduzir no lugar estranho o caminho percorrido por Cristo na sua via dolorosa quando conduziu a cruz.

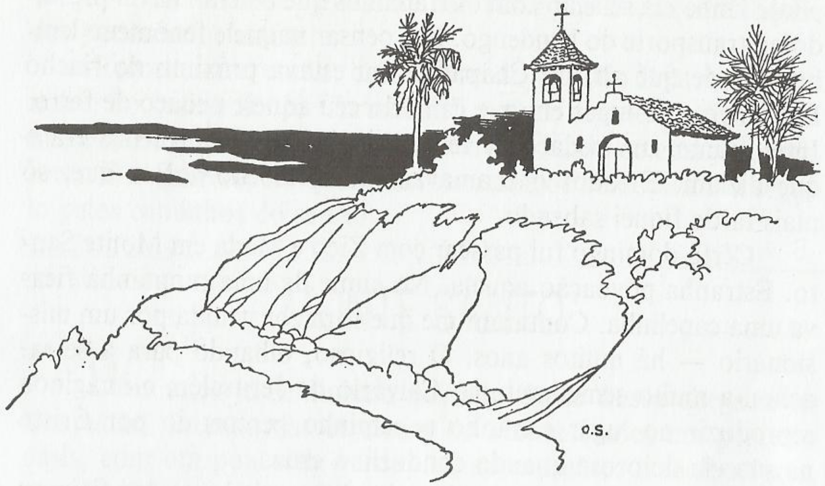
A terra foi então rasgada pelas mãos piedosas dos fiéis, as pedras partidas e, contornando a serra, abriu-se um caminho áspero a ser vencido pelos fiéis que fizessem penitência, com cerca de três quilômetros de comprimento. A mesma distância penosamente percorrida pelo nosso Salvador, carregando a cruz. E ao longo daquele atalho difícil, que contornava perambeiras[28] e volteava grandes pedras, fraldeando a serra, ergueram-se 25 capelinhas de oração, representando, cada uma delas, um dos episódios da Paixão de Cristo. E em cada uma detinham-se os romeiros, que cumpriam promessas, até alcançar a capela maior ao fim da jornada.

Percorri lentamente, naquele domingo, com meus dois companheiros e dezenas de penitentes, aquela via íngreme, até o cimo do morro. Quando chegamos ao cume, achamo-nos diante de pequena praça onde se reunia considerável multidão.

Ao centro um homem falava, gesticulando. Foi difícil nos aproximarmos. Homens e mulheres se acotovelavam, empurrando-se, na ânsia de ouvir.

— Que aconteceu? — perguntei a um dos assistentes, muito interessado.

27 **meteorito**: aerólito, pedra que provinda dos espaços siderais se precipita sobre a Terra.
28 **perambeiras**: precipícios, abismos.



— É o nosso Conselheiro!

Julgando ter ouvido mal, exclamei:

— Quem?

— O "santo" Conselheiro! — respondeu, com voz sussurrante.

Imediatamente lembrei-me do profeta, de camisolão azul, cabelos caindo pelos ombros, apoiado a um bordão, que encontráramos certo dia em nossa caminhada.

A voz do pregador se elevava, no mesmo tom, e suas palavras pareciam as mesmas que já ouvira embevecido.

Não sei por que, mas naquele instante tive um estranho pressentimento. Lembrei-me de Antônio Beato e de sua conversa com meu padrinho no Corumbê.

Avancei por entre as pessoas, com dificuldade, no momento em que terminava a prédica[29] e o Conselheiro, cujo vulto eu só podia distinguir de longe, pôs-se a andar, seguido por companheiros fiéis. E, de repente, não pude reprimir uma exclamação:

— Antônio Beatinho!

O homem voltou-se e encarou-me sem entusiasmo. Não parecia me reconhecer.

[29] prédica: oração, discurso, conselho.



O garoto ficou encostado a uma saliência da pedra, enquanto as pessoas a cantar uma ladainha seguiam o Conselheiro.

— Sou eu, o Didico, do Corumbê, o afilhado de Chico-Vira-Mundo, não se lembra?

Antônio Beato franziu a testa, recordando-se e, como eu me aproximasse mais estendendo-lhe a mão, na ânsia de comunicar-lhe minha alegria por reencontrá-lo depois de tanto tempo, limitou-se a dizer:

— Venha também, Didico, vamos seguir o nosso "santo". Seu padrinho já é também um dos nossos. Não perca tempo. É chegada a hora de todos salvarem suas almas!

Aquelas palavras me estarreciam! Então padrinho não fora para o Acre?

— Onde está ele? — exclamei, segurando Beatinho.

— Ao lado do Conselheiro. Mas não fale com ele, pois está em missão. Vá, também, para Canudos, o nosso reino. Todo o sertão marcha para Belo Monte, a terra da salvação!

— Preciso falar com padrinho! Aconteceu muita coisa importante no Corumbê. Ele precisa saber...

— Nada mais tem significado, meu filho — exclamou Beatinho, os olhos vagos, boiando no ar. — O certo é a caminhada com o Conselheiro para alcançar o reino do céu.

Disse isso e seguiu, muito compenetrado, a carregar um oratório tosco de madeira, com uma imagem ao alto.

Saí a correr por entre as pessoas. Ouvi reclamações e levei empurrões.

— Venha, Zico, venha, Mada, preciso alcançar meu padrinho.

Finalmente, diante da quinta capelinha, cheguei junto ao grupo que cercava o Conselheiro e, entre eles, reconheci meu padrinho.

Nhô Chico deixara crescer enorme barba, que lhe caía pelo peito. Seus cabelos compridos esparramavam-se pela nuca e usava também um camisolão de brim puído.

— Padrinho, sou eu, o Didico.

Ele parou, procurou recordar-se de alguma coisa, encarou-me de frente e, segurando-me pelo braço, disse:

— Venha também, vamos para Belo Monte, na região do Vaza-Barris, o lugar escolhido...

— Mas, padrinho, preciso lhe contar tanta coisa que aconteceu.

Mas ele prosseguiu, como se não tivesse me ouvido:

— Vamos erguer uma igreja naquele lugar, formar um arraial. Milhares de fiéis seguem para lá. Monte Santo vai ficar um deserto. Vem gente de Cumbe, de Jeremoabo, de todo o sertão, para viver junto do nosso "santo". Venham todos, você e seus amigos.

— Mas, padrinho, eu precisei deixar o Corumbê. A seca...

Nhô Chico, entretanto, não me dava atenção. Olhava para o espaço, os olhos muito abertos.

— Vamos para a nossa aldeia sagrada.

— Madrinha! Madrinha morreu! — exclamei, segurando-o pelo braço, num último esforço para chamá-lo à razão.

Chico encarou-me. Só aquelas palavras o acordaram e o comoveram. Baixou os olhos. Percebi que derramava lágrimas.

— Então aconteceu tanta desgraça?

Não tive tempo de responder.

— Deus é grande — disse e, largando-me o braço, avançou caminho abaixo, tentando alcançar o povo.



Fiquei encostado a uma saliência da pedra, enquanto as pessoas a cantar uma ladainha religiosa seguiam os passos tardos[30] do Conselheiro.

Só depois que se perderam à distância, deixando no espaço uma nuvem de poeira, é que eu, com meus companheiros, voltamos ao Chapadão.



[30] tardos: lentos, preguiçosos, vagarosos.

3ª PARTE ■ A GUERRA DOS JAGUNÇOS[31]

TERRÍVEIS ACONTECIMENTOS

Vários meses se passaram desde aquele dia em Monte Santo. Não podia me esquecer, porém, do inesperado encontro com padrinho. Como mudara! Aquelas barbas compridas, o modo estranho de olhar, a voz rouca e abafada. Desinteressado das coisas do Corumbê, da família, de mim! Nem parecia o mesmo. O que ia ser de meu padrinho?

Fiquei sabendo, então, dos acontecimentos em Belo Monte, antiga fazenda de gado, situada à margem do rio Vaza-Barris, onde o Conselheiro passara a reunir sua gente. O nome Canudos surgira porque os moradores dali fumavam em cachimbos de barro, com canudos muito compridos.

A pequena fazenda, à margem do rio, havia sido escolhida por ser um lugar aprazível, calmo e escondido entre as montanhas.

Ali o Conselheiro pensou em construir um povoado para seus fiéis seguidores.

De fato, com a chegada do profeta, a fazendola se transformara. Centenas e centenas de casinholos foram construídos em pouco tempo. E, assim, os moradores ali podiam viver ao lado do Conselheiro. E todos pareciam felizes, embora a vida em Canudos, como diziam, fosse terrivelmente difícil.

Comecei a pensar, então, no grande fascínio que aquele homem simples, sujo e mal vestido, exercia sobre tantas pessoas. Dos lugares mais distantes: Uauá, Jeremoabo, Jacobina, Itabaiana, muita gente viera viver em Canudos. Muitos venderam suas propriedades, seu gado, suas safras, para entregar o dinheiro ao Conselheiro.

Juviara me contou um fato que muito me impressionou, acontecido no povoado de Uauá: o governo, com a intenção de combater o Conselheiro e dispersar os homens que viviam em sua com-

[31] jagunços: capangas; aqui, seguidores do Conselheiro.



Com a intenção de combater o Conselheiro e dispersar os homens que viviam em sua companhia, o governo enviou uma tropa bem equipada.

panhia, pois estes vinham causando preocupações às cidades próximas, enviou, de Juazeiro, uma tropa bem equipada. Os soldados atravessaram o sertão até alcançar aquele lugarejo, onde fizeram parada.

Durante a noite, entretanto, a maioria da população de Uauá fugiu para a caatinga, e assim, no dia seguinte, quando os soldados se preparavam para recomeçar a marcha na direção de Canudos, onde pretendiam dispersar os moradores, tarefa que julgavam bastante fácil, foram surpreendidos, ali mesmo, ao clarear da madrugada, por centenas de jagunços, vindos da boca do sertão. Disseram a Juviara que eram uns três mil atacantes.

Travara-se, então, terrível luta. Os soldados, dentro das casas de Uauá, dispondo de mais armas, levaram vantagem, mas perderam muitos companheiros. E ficaram de tal maneira impressionados com a quantidade dos seguidores do profeta e com a coragem na refrega[32], que não quiseram mais prosseguir na marcha para Canudos, como era seu objetivo, e preferiram voltar o mais depressa possível...

A LUTA CONTINUA

A história de Juviara me encheu de grandes preocupações e comecei a pensar: será que meu padrinho também fora atacar os soldados de Uauá? Precisava falar com ele e convencê-lo a irmos até Salvador e, assim, tentar resolver, de uma vez por todas, o assunto da carta dirigida a meu falecido pai. Depois, talvez, até eu mudasse de idéia e o acompanhasse na viagem ao Acre, seu velho sonho.

Com essas preocupações resolvi, no domingo, ir de novo a Monte Santo. Aquele lugar, pela sua posição favorável, a caminho de Canudos, transformava-se em centro de operações de guerra.

Soube que estavam lá quase seiscentos soldados bem armados, esperando ordens para nova marcha sobre Canudos. Na praça principal, à sombra de um enorme tamarineiro, fiquei a observar as coisas e a conversar com alguns dos moradores, assustados com o perigoso rumo que tomavam os acontecimentos.

[32] **refrega**: peleja, briga, luta entre forças inimigas.

Havia tropa pronta para partida em direção ao arraial do Conselheiro. Levava dois canhões e duas metralhadoras, armas guerreiras poderosas, que causavam muita admiração ao povo.

Minha preocupação cresceu. Tantos soldados, assim bem armados, por certo iam arrasar Canudos.

Mas o povo se mostrava condoído:

— Por que combater os pobres coitados?

Um vigário pregava, entre os grupos que se formavam:

— É uma pouca-vergonha, aquilo! Tantos homens desocupados, vivendo na preguiça, na maior miséria, e seguindo um fanático que se julga santo. E quantos assassinos estão escondidos lá! — e benzia-se seguidamente.

Alguns dos presentes concordavam, com um gesto de cabeça. A maioria, entretanto, conservava-se em silêncio. Certamente não aceitando as críticas dirigidas ao profeta.

As tropas partiram de Monte Santo, confiantes na vitória, em princípios de janeiro de 1897, pela estrada do Cambaio.

Soube mais tarde que foi penosíssima a jornada, através do sertão. Os soldados, por caminhos quase intransitáveis, só podiam andar às primeiras horas da manhã. Depois, o sol se tornava insuportável.

Nos dias seguintes começaram a perceber restos de fogueiras e vultos escondidos nas sombras, a espreitá-los. Era o primeiro contato com a guerra sertaneja.

A tropa enfrentava terríveis dificuldades. Assoberbados[33] pelo medo, os soldados passavam as noites agarrados às armas, apontando para a escuridão, à espera de que o inimigo surgisse das sombras. Não estavam realmente preparados para longas e árduas caminhadas como aquela.

Quando acabaram os víveres, veio a fome e precisaram carnear[34] os bois que puxavam os carros. Os guias, contratados para conduzir a tropa, através de trilhas e caminhos desconhecidos, desertaram.

---

33 assoberbados: sobrecarregados.
34 carnear: abater e esquartejar o boi.



A soldadesca, finalmente, já bastante esgotada, conseguiu acampar em Rancho das Pedras, apenas a duas léguas de Canudos. Ao romper de novo dia, quando transpunha as massas da serra do Cambaio, foi atacada pelos jagunços, que, surgindo de todos os lados, davam, em altos brados, vivas ao Bom Jesus e ao Conselheiro.

A luta foi terrível. De um lado, os soldados apanhados de surpresa, em terreno de vegetação rasteira onde não conseguiam se esconder. De outro, os sertanejos, donos das posições, a enfrentarem, sem medo, as armas e desafiando a pontaria dos militares.



Depois de muitas horas de combate, os expedicionários haviam conquistado a montanha. Os sertanejos perderam 115 homens e os adversários apenas quatro, além de terem vinte e poucos feridos.

Deu-se, nesse lugar, também, um episódio cruel. Mais de quarenta jagunços, dizem, esconderam-se sob uma pedra enorme, apoiada na ponta de outra, e que lhes oferecia abrigo bem protegido. Desse lugar atiravam sobre a tropa, provocando sérias baixas. Um dos canhões, apontando para aquele alvo, deu tiro certeiro. A pedra quebrou-se com enorme estrondo e desabou sobre os sertanejos, sepultando-os.

Entusiasmados com a primeira vitória, os soldados, pensando logo liquidar a luta a seu favor, depois de breve repouso, recomeçaram a marcha em direção à aldeia de Canudos. Quando a avistaram, resolveram fazer um disparo de artilharia na sua dire-

ção. Um estrondo atroou os ares, mas, de repente, como por milagre, centenas de jagunços, escondidos pelos arredores, de onde vigiavam a tropa, à espera de oportunidade para atacá-la, saltaram sobre os soldados, empunhando varapaus[35], foices, fueiros[36], aguilhadas[37] e facões.

Bons conhecedores do terreno e dispondo de maior número de combatentes, levaram a melhor, enquanto o único recurso que coube à tropa foi o da fuga.

Esta retirada foi penosa, pois dezenas de feridos precisaram ser carregados pelos companheiros, que também mal se mantinham em pé, de fome e cansaço. E deviam caminhar ainda cerca de cem quilômetros de volta, por região de terreno muito agressivo.

Percebendo as dificuldades da retirada, os sertanejos partiram no encalço dos soldados para tomar-lhes as metralhadoras e os canhões. E duas refregas ainda se deram até que a tropa desbaratada chegou de volta a Monte Santo, mais morta que viva. A maioria dos combatentes estava faminta, com as roupas esfarrapadas e os corpos cheios de feridas.

Aquela tropa que partira de Monte Santo, com tanto entusiasmo, dias antes, tendo como certa a vitória, retornava em destroços.

NOVOS ACONTECIMENTOS

A derrota imposta aos soldados, a mando do governo da República, odiado por Antônio Conselheiro e seus companheiros, fortalecia a posição do arraial de Canudos.

Lembro-me bem do que aconteceu naqueles dias. Ao sair de casa, certa manhã, vi Juviara conversando no portão da fazenda com nhô Tico Leite, nosso patrão.

Acheguei-me ao grupo. Nhô Tico apontava para a serra distante e dizia com segurança:

— É, nhô Juviara, a salvação está lá. Canudos é lugar abençoado. Quero descansar lá. Este mundo está perdido. Vou vender as terras e levar o dinheiro para o Conselheiro.

35 varapaus: paus compridos, cajados, bordões.
36 fueiros: estacas que amparam a carga do carro de bois.
37 aguilhadas: varas com ferrão na ponta.

Juviara, muito atento, não contestava nem confirmava.

— O senhor sabe o que faz, nhô Tico. O homem é livre neste mundo, graças a Deus. Só que nós vamos sofrer com sua falta. Talvez o novo patrão não queira a gente...

— Vamos também, nhô Juviara, com toda a família, todo mundo a conquistar o céu. Recebi um "chamado" e preciso atender. Parto para junto do Conselheiro.

Eu não podia compreender nhô Tico a falar daquele jeito. Nem parecia o mesmo homem de antes. Meu padrinho e Antônio Beato era uns pobres coitados, que nada tinham no mundo, mas nhô Tico Leite, dono de terras, dizendo que ia vender tudo e partir, parecia incrível!

— A gente escuta cada coisa sobre o "santo" — explicou nhô Tico. — Já sabem do milagre da igreja?

Juviara abanou a cabeça.

— Pois foi lá, em Bom Jesus. Quando construíam a igreja, dez homens faziam força para erguer pesada viga de madeira, sem resultado. Foi quando apareceu o Conselheiro. Os trabalhadores, suarentos e cansados, caíram de joelhos. Ele subiu em cima da viga e ordenou que apenas três homens pegassem nela. Todos se entreolharam. Seria possível tão poucos erguerem um peso que dez não conseguiam? E, verdade seja dita, a tora foi colocada no lugar!

Juviara olhava para o patrão, olhos arregalados, tentando acreditar no que ouvia.

Nhô Tico, com toda a família, poucos dias depois, partiu do Chapadão.

Tempos depois, correu a notícia de que o governo, inconformado com as derrotas, organizara uma expedição, maior e mais forte, para combater a gente do Conselheiro. As tropas vinham comandadas pelo coronel Moreira César, militar que, segundo me contaram, gozava de muito prestígio. O objetivo era o de arrasar Canudos, de uma vez para sempre, nessa terceira tentativa.

O comandante, cioso de seu grande aparato bélico e do preparo de seus combatentes, em número de 1 300, chegou ao lugar chamado Queimadas. Dispunha de milhões de cartuchos e carregava peças de artilharia pesada.

A partida seria de Monte Santo.

O arraial de Canudos, entretanto, apesar das lutas nos arredores e da perda de muitos de seus defensores, continuava a crescer. E, com as vitórias dos que, sem armas e preparo militar, batiam tropas regulares, ganhava fama em todo o país. Realmente, aquele lugar começava a ser tido como invencível.



Juviara, entretanto, me disse:

— Ninguém consegue vencer o governo, que pode perder algumas batalhas, mas vai ganhar finalmente a guerra. O governo tem muita força e pode mandar quanto soldado quiser para o sertão!

Eu ouvia e calava. Respeitava a opinião de quem sabia mais do que eu.

A expedição Moreira César, partindo de Monte Santo, só chegou às cercanias de Canudos após penosíssima caminhada através do sertão. E o comandante, sem dar descanso à tropa, ordenou que os canhões atirassem logo sobre o arraial e que a cavalaria avançasse em carga ligeira.

Os atacantes entraram pelas ruas do arraial, que formavam verdadeiro labirinto, e os combates se deram no corpo-a-corpo. Os jagunços se defendiam com facas, bordunas[38] e tiros à queima-roupa.

Em pouco tempo, dezenas de cadáveres se espalhavam pelas ruas enquanto os feridos não podiam voltar para a retaguarda.

Moreira César, à frente de seus soldados, foi atingido por dois tiros e ficou fora de combate.

Depois de cinco horas de luta, os atacantes recuaram — uns feridos, outros sem carregar suas armas. E passaram a noite em claro, temendo contra-ataque dos inimigos, que eles nunca imaginaram tão valentes.

O coronel Moreira César, agonizante, mas orgulhoso, não quis ordenar a retirada, após levar a pior, mas a maioria decidiu por ela.

No dia seguinte o comandante morreu e os soldados puseram-se em fuga, abandonando armas e munições em mãos dos jagunços, que, assim, ficavam mais poderosos.

PEREGRINAÇÕES DO CONSELHEIRO

Estranho e misterioso aquele homem que tanto fascínio exercia sobre a gente simples e crédula do sertão!

Como a sua figura entrou para a História, mais tarde, pude recolher muitos dados sobre a sua vida, que, então, ainda eram desconhecidos.

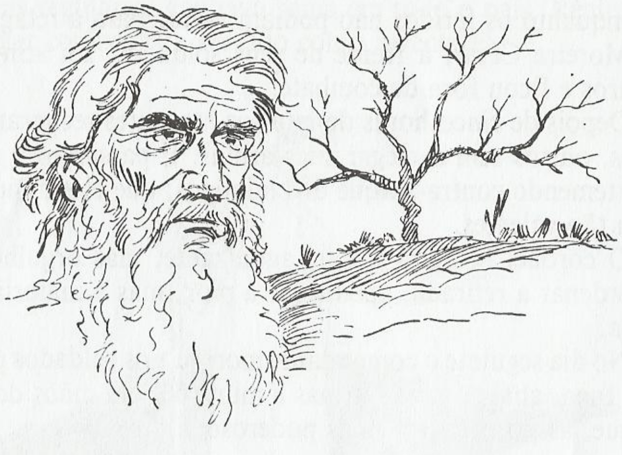
Fiquei sabendo que Antônio Vicente Mendes Maciel, o Conselheiro, vivera em Quixeramobim, no Ceará, vida calma e normal até cerca dos vinte anos. Com a morte de seu pai, deixou aquela cidade e foi para Sobral. Tendo-se casado, não foi feliz no matrimônio. A mulher o abandonou e esse fato acabou por provocar um desequilíbrio em sua vida. Mais tarde, por desinteligências com parentes, perto do Crato, partiu para o sertão.

Por mais de dez anos permaneceu desaparecido, sem que ninguém tivesse notícias dele. Depois ressurgiu pelas vilas do sertão da Bahia, Pernambuco e Sergipe, andando sem destino, apoiado

38 **bordunas**: cacetes, paus grossos, usados pelos indígenas para ataque e defesa.

a um bordão, com longas barbas, cabelos compridos e trajando um camisolão azul de brim americano.

Começou então a pregar aos primeiros ouvintes, ainda desconfiados.



Nas estradas, quem o encontrasse, a horas mortas, talvez o tomasse por um pedinte ou um débil mental. Mas ele tinha sempre uma palavra boa e amiga para dizer aos caminhantes.

Os anos correram e seu nome cresceu e o homem se tornou, aos poucos, conhecido. Corriam lendas a seu respeito e os primeiros discípulos o seguiam, espontaneamente, querendo passar junto dele pelas mesmas privações. Dormia à beira dos caminhos e pedia esmola apenas para um dia.

Certa vez foi preso no sertão. Não opôs resistência. Acusavam-no de terrível crime. Não permitiu que seus discípulos o defendessem. Avisou-os, apenas, de que o esperassem em dia e hora determinados, em certo lugar, que lá estaria para reencetarem as caminhadas sem fim.

Seguiu preso para a Bahia, onde seu aspecto repugnante despertava a maior curiosidade. Interrogado pelas autoridades, foi levado para averiguações à sua terra natal, no Ceará. E, verificada a inverdade da acusação, foi posto em liberdade.

Retornou, então, à Bahia, chegando ao lugar que havia indicado, no dia certo, antes prefixado.

O retorno do Conselheiro, coincidindo exatamente com a data indicada no dia de sua prisão, foi tomado como verdadeiro milagre e a notícia se espalhou por toda a parte.

Recomeçou, então, suas peregrinações, visitando vilas e cidades dos arredores, acompanhado, cada vez mais, de maior número de fiéis. E sempre marcava sua passagem por obras: reconstruía cemitérios, terminava igrejas.

Ao aparecer, com seu grupo de seguidores, nas pequenas cidades do interior, a vida destas se transformava, com o povo querendo ouvir suas rezas, ladainhas e pregações. Nestas ocasiões, referia-se, quase sempre, ao próximo fim do mundo, que devia coincidir com o findar do século. Assim, dizia, não valia a pena as pessoas conservarem seus bens materiais.

Mas a popularidade do profeta preocupava as autoridades. De certa feita, pregou, em uma das cidades, contra a cobrança de impostos, mandou queimar editais e instigou a população a rebelar-se contra o governo, que pouco ou nada fazia por ela.



A reação oficial não se fez esperar e trinta soldados, bem armados, tentaram prendê-lo no caminho. Mas encontraram resistência e, derrotados, voltaram às carreiras.

Prevendo outras perseguições, o profeta foi seguindo cada vez mais para o norte, repisando os trilhos que durante vinte

anos ele já havia percorrido em suas peregrinações de andarilho solitário. Conhecia todos aqueles lugares como a palma de sua mão. E sabia de uma velha fazenda abandonada, situada entre montanhas, de difícil acesso, e onde poderia ajuntar a sua gente e fazer-lhe suas pregações, sem ser importunado. Ali ergueria a aldeia sagrada, onde pelo trabalho e orações o povo devia expiar seus pecados.

NO CASINHOLO DE BARNABÉ

Os dias ali no Chapadão iam correndo sem grandes novidades. De nhô Tico, que fora embora, não tivemos mais notícias. O novo dono das terras, homem da capital, sem intenção de viver naquele lugar, contratou Juviara, que sabia lidar com tudo na propriedade rural e, assim, não lhe dava maiores preocupações.

Eu me sentia cada vez mais, por força da convivência, ligado àquela família e procurava retribuir, com esforços, ao apoio que me davam para sobreviver.

Mas também pensava em meu futuro. Realmente estava só no mundo. Perdera a ligação com parentes e amigos e com o lugar em que havia nascido — o Corumbê —, pedacinho de terra, sempre presente na minha lembrança. E, se não fosse pela gente de Juviara, talvez tivesse voltado antes para lá. Em dias de folga, saía para alguns passeios pelos arredores, na companhia de Mada e Zico, meus quase irmãos. Ela crescia e se tornava mocinha, bem bonita. Era alegre, brincalhona e, assim, contribuía para que nossas caminhadas fossem muito agradáveis. Realmente, naqueles raros momentos, a gente se esquecia das dificuldades e das lutas, para lembrarmos de que ainda éramos quase crianças e merecíamos alguma distração. Corríamos despreocupados atrás de cabritos, que se escondiam nas nesgas de verde; mais adiante encontrávamos uma pequena vertente, onde nos refrescávamos ou seguíamos trilhos, que se entrecruzavam e nos deixavam desorientados.

Em tudo éramos seguidos pelo Tigüera, que se incorporava às brincadeiras.

Mada mudara bastante desde o dia em que a vira pela primeira vez. Não era mais a menina magra, de rosto afilado e cabelo escorrido de antes. Ganhara carnes e suas faces, naquelas corridas, estavam afogueadas.

Assim não víamos o tempo passar, até que Zico lembrava:

— Vamos voltar, estamos bem longe da casa e logo escurece.

— Puxa, já é tarde mesmo.

Toca a correr para trás.

Certo dia, em um dos passeios, fomos longe demais e chegamos a uma casa rústica da beira da estrada, onde paramos para tomar fôlego e pedir água.

Apareceu à porta um caboclo alto, queimado de sol, cabelos ralos e aspecto bastante acolhedor.

Cumprimentou-nos alegre e nos convidou:

— Vão entrando, a casa é dos amigos.

— É por pouco — respondi.

O homem puxava conversa e queria saber sobre nós.

Notei que, por várias vezes, ele me encarava e, colocando a mão direita no queixo, parecia se recordar de alguma coisa.

Quando resolvemos partir e me despedia, não mais se conteve:

— Você, moço, me faz lembrar um amigo que não vejo de muito tempo.

Olhei para ele sem compreender.

— Faz aí uns dez anos que não tenho mais notícia dele. Mas era sua cara, assim moreno, de rosto redondo, o cabelo tal e qual, espetado e duro.

— Como se chamava?

— Virgílio Ribeirão.

Fiquei pálido ao ouvir aquele nome e mal pude responder.

— Esse é o nome de meu pai!

O homem então se levantou, avançou para mim e me abraçou com alegria dizendo com muito entusiasmo:

— Eu estava vendo! É muito parecido. Não podia negar!

Embaraçado, não sabia o que falar.

— E como vai o Virgílio? Quanta saudade tenho dele!

— Pai morreu! — disse, baixando a cabeça.

Franziu a testa contristado e, modificando o tom de voz, exclamou:

— Não diga! Tão moço! Sinto muito, muito mesmo.

— É verdade. Faz quase dez anos. Pegou febre brava e não resistiu.

— Coitado do Virgílio! Um amigo muito leal. Trabalhamos juntos no transporte da pedra do Bendengó. Foi o único que agüentou, do começo ao fim, aquela tarefa dura. Fizemos sempre boa camaradagem. Ele dormiu muitas noites nesta casa, no quartinho aqui do lado.



Alonguei meu olhar pela casinha pobre, de chão batido, e caminhei para a porta do pequeno cômodo, separado da sala por uma parede de barro. Fiquei a olhar em silêncio para dentro e a me recordar com saudades de meu pai, que eu mal conhecera.

— Este mundo é pequeno. Quem havia de dizer que eu ia encontrar o filho do Virgílio, e justamente neste lugar.

— Vamos embora, Didico, está ficando tarde — exclamou Mada.

— Sim, vamos andando — respondi, caindo em mim.

— Volte depois, rapaz, preciso conversar com você. Sei muitas histórias sobre o seu pai e falar de um amigão, depois de tantos anos, é como reviver nossos bons tempos. É como se ele estivesse vivo.

— Sim, qualquer dia volto por aqui. E como o senhor se chama?

— Barnabé, seu criado.

— Então, adeus.

— Não deixe de vir.

— Sim, está combinado.

Saímos os três correndo. A tarde já ia descendo e as primeiras sombras alongavam-se sobre aqueles plainos levemente ondulados. Tigüera latia na frente e nós procurávamos acompanhá-lo. Mada, quase sem fôlego, não dava parte de fraca e procurava nos acompanhar. Aliás, essa foi sempre uma qualidade que cedo descobri e admirava nela. Força de vontade. Desde os dias de retirada, quando era ainda uma garotinha, não queria que a ajudassem. Assumia sua parte nas dificuldades sem reclamar.

Essa determinação dela havia de me ajudar no futuro, mas esse é outro assunto.

Depois de bom tempo, chegamos ao Chapadão.

DIAS DIFÍCEIS PARA CANUDOS

No terreiro de entrada, Juviara já nos esperava, debruçado à cancela e preocupado com nossa demora.

— Onde vocês foram se enfiar? — perguntou, fingindo zanga.

— Andamos aí pelo mato procurando preás — respondeu Zico.

— Vem cá, Didico, preciso lhe dizer uma coisa.

Cheguei-me a Juviara, que me dispensava tratamento paternal, e fiquei à escuta.

— É a respeito do seu padrinho, isto é, tem relação com ele. Fiquei sabendo que o governo prepara uma grande expedição para acabar com Canudos. O pessoal por aí duvida e afirma que o arraial é invencível. Mas, contra força não tem resistência. Como é que vão enfrentar uma grande tropa, milhares de soldados, armas e munições? Um só tiro de canhão é capaz de derrubar muitas casas de uma vez.

— Ouvi dizer também — confirmei.

— Cada estrondo faz a terra tremer. E tem a cavalaria e os fuzis com baioneta calada[39], para estripar os jagunços. Vai ser uma verdadeira guerra, tão dura como a do Paraguai. Muitos militares, que lutaram lá, vêm para cá. É inútil resistir. Agora vai ser o fim. E o seu padrinho está metido nessa encrenca.

Baixei os olhos, pensativo.

— E quando vai começar a nova batalha?

— Bem, pode demorar algum tempo, mas os jornais que o patrão manda de Salvador dão notícia de grande revolta em todo o país porque uma parte do exército brasileiro, em luta aí no sertão, contra sertanejos despreparados, levou a pior. E de uma coisa estou convencido: o governo pode perder uma, duas, três ve-

[39] baioneta calada: arma pontiaguda, adaptada na ponta do fuzil.

zes, mas vai acabar vencendo e então a terra do Conselheiro fica arrasada.

— Mas por que não deixam aquela gente em paz? — perguntei, pensando mais em meu padrinho.

— Bem, Didico, não é fácil de se entender a situação. Milhares e milhares de famílias vivem miseravelmente em Canudos. Muitos morrem de fome e de doença. Além disso, há criminosos escondidos. No começo tudo ia bem, depois começou a guerra, o povo teve que se defender e, hoje, poucos trabalham. Mas precisam comer e, no desespero, praticam crimes!

— É tudo muito triste.

Não tinha ouvido antes palavras tão realistas sobre a situação de Canudos. Nem mesmo havia pensado seriamente nos problemas de uma grande população que devia, todo tempo, se defender, para sobreviver.

— Você me desculpe, Didico, mas é a verdade nua e crua.

Saí correndo e fui para o quarto, com as idéias em confusão. Afoguei o rosto no travesseiro e fiquei assim longo tempo, vencido por pensamentos terríveis e contraditórios.

O TRANSPORTE DO BENDENGÓ

Na semana seguinte resolvi ir visitar Barnabé, atraído pelo seu convite e desejoso de ouvir sobre meu pai. Também tinha grande curiosidade sobre a aventura, que foi o transporte do bendengó do terreno em que caíra até o seu ponto de embarque. E maior ainda por ter sido a proeza da vida de meu pai e, certamente, a de Barnabé. Convidei Mada e Zico e partimos.

Os campos estavam silenciosos àquela hora. A vegetação rala, regada do orvalho matinal, reverberava aos primeiros raios do sol nascente.

Barnabé nos recebeu com grande alegria, com ele tomamos um bom café e logo saímos a passeio pelos arredores.

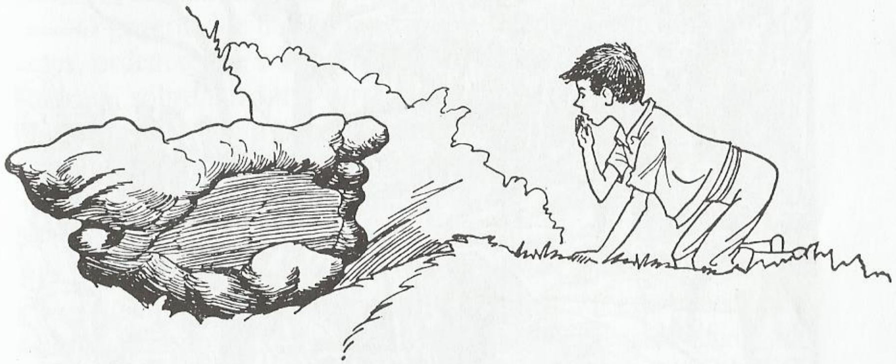
— Vou levar vocês até o lugar de onde arrancamos o bendengó do chão. Fica a uma légua daqui.

Distância não era empecilho e partimos entusiasmados. Barnabé explicava tudo em minúcias.

— Vocês sabem que o bendengó foi encontrado por um menino mais ou menos com a idade de vocês?

— Como foi isso?

— Um rapazinho, o Dominguinho[40], andava à cata de umas vacas por estes lugares e, de repente, encontrou um bloco de ferro esquisito sobre a terra, onde se abrira um enorme buraco.



E o menino embatucara: "De onde podia ter vindo aquela pedra estranha?"

Dominguinho saiu correndo e foi avisar o pai. Este chamou os vizinhos e todo mundo ficou assombrado. Aquilo só podia ter caído do céu! É o que concluíram. Isto foi há muitos e muitos anos. Lembro-me que me disseram uma data. Acho que foi no ano de 1784. O pai do menino, nhô Quim Botelho, comunicou o fato ao governador-geral da Bahia.

Veio, então, muita gente da cidade para ver o bloco de metal, pensando que ele continha ouro e prata, e até quiseram quebrar o bendengó.

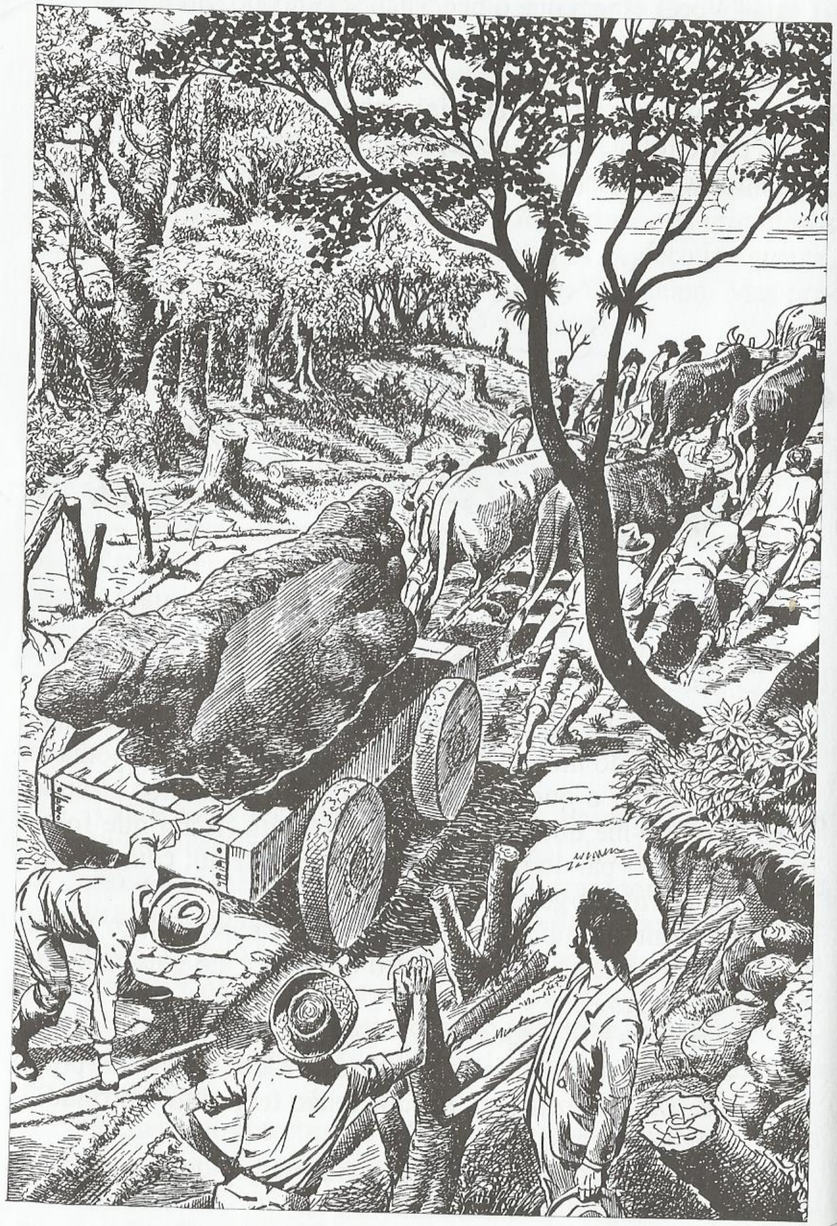
— E tinha? — perguntei.

— Não. Felizmente a maior parte era de ferro e um pouco de níquel. Disse felizmente, por que senão teria sido destruído.

— E como era o bendengó?

— Pedra assim bem grande, uma braça[41] de comprimento por meia de largura e bem alta.

40 Dominguinho: Domingos da Mota Botelho.
41 braça: antiga unidade de comprimento equivalente a 2,2m.



O meteorito foi colocado sobre um forte carretão de madeira, puxado por várias juntas de bois.

— E o peso?

— Umas sete toneladas.

— Muito interessante! — murmurei, animando as explicações de nosso amigo.

— A pedra, chamada meteorito, despertou a atenção de estudiosos até de outros países, bem distantes. E então, mais tarde, em 1785, resolveram transportá-la para a cidade.

O governador da Bahia, naquele tempo, Dom Rodrigo Meneses, ordenou que o bendengó fosse levado para lá e a pedra foi colocada sobre um forte carretão de madeira, puxado por várias juntas de bois. Foi a primeira tentativa.

Infelizmente, quando o carretão descia por uma encosta, perdeu o controle e disparou. Devido ao grande peso, os eixos de madeira pegaram fogo!

— É incrível — comentei, admirado.

— Sim. O veículo arrebentou-se e a pedra foi ao chão, ficando enterrada próximo do riacho Bendengó, local onde havia sido vista, pela primeira vez, pelo Dominguinho. Anos depois, em 1811, foi feita segunda tentativa, que, mal preparada, também não deu certo.

— Puxa! Então estava difícil mesmo!

— Por aí você vê que o nosso trabalho, depois, não foi pequeno — comentou Barnabé.

Naquele momento, íamos atravessando uma chapada quase sem vegetação. Enxergava-se lindo panorama à frente e, à esquerda, uma mancha de verdura.

— Naquele vale passa o riacho Bendengó. Olhem o caminho fundo ao lado. É a Ipueira[42] de João Venâncio. Por aquele corte passamos com o meteorito.

Eu, Zico e Mada olhamos admirados para aqueles lugares. Zico, de pouco falar, quase não respondia ao que nós dizíamos, mas prestava muita atenção. Mada, sempre risonha, por vezes se adiantava de nós e não demonstrava interesse pela história.

Quando atingimos o princípio do vale, Barnabé explicou:

— Foi bem aqui mesmo. O bendengó dormia sossegado, há mais de cem anos, desde quando fora achado pelo menino, e a gente veio acordar o bichão, que não queria despertar. Vejam

42 ipueira: lagoa que transborda.

aquele marco. Foi colocado para assinalar o lugar. No dia em que partimos, deixamos aí o sinal. Seu pai cheio de entusiasmo, alegre e confiante. Que homem aquele!

Fomos caminhando em direção ao riacho, de águas claras, onde paramos para provar um pouco do líquido fresquinho.

Mada começou a atirar pedrinhas na corrente.

— Aqui seu pai demonstrou muita destreza, conseguindo conduzir o carretão pela encosta sem tombar. Foi muito hábil ao lidar as juntas de bois em lugares difíceis.

Trabalhamos durante vários dias para colocar a pedra em cima do veículo. Depois iniciamos a marcha através das picadas abertas por turmas de machadeiros e pelos que preparavam o caminho. Assim, varamos os meses de janeiro a outubro daquele ano.

O pesado veículo caminhava vagarosamente através da mata, vencendo mil dificuldades. Aqui era uma lagoa, depois um riacho, acolá uma barroca[43], adiante a serra do Acaru.

Poucos agüentaram aquele serviço duro. Nos últimos dias eu adoeci e tive de abandonar os companheiros. Sei que seu pai foi o único, dentre todos, que esteve desde o primeiro dia até o último.

Finalmente o bendengó chegou, em maio do ano seguinte, 1888, à estação de Jacurici. Tinha, então, percorrido mais de vinte léguas de sertão. Constantemente o carretão precisara ser colocado sobre trilhos de ferro para não se enterrar no chão. Foram abertas, durante esse período, outras tantas léguas de picadas, reconstruídos caminhos, feitos aterros e pontes.

— Nunca pensei que o bendengó tivesse dado tanto trabalho — exclamei.

— Mas o que eles queriam fazer com a pedra? — indagou Mada, agora também interessada na história.

— Era muito bonita e rara e, assim, devia ser vista e estudada pelo povo da cidade. E o mais fascinante: ela tinha vindo do céu! O episódio mais interessante — continuou Barnabé, entusiasmado — foi o que se deu no alto da serra do Acaru. O carretão fora amarrado a uma árvore gigantesca, para que não deslizasse ladeira abaixo. Mas, em determinado momento, o peso do meteo-

[43] barroca: despenhadeiro, valo produzido por enxurrada.

rito forçou de tal maneira o tronco que acabou arrancando-o e o carro saiu em disparada, ladeira abaixo, até derrubá-lo.

— Então a pedra não queria ir embora, mesmo — disse Zico.

— Foi a salvação, pois do contrário iria cair em abismo, de onde, talvez, nunca mais pudesse ser tirada. Outro incidente ocorreu quando o carretão de novo atolou em terreno encharcado e o meteorito caiu e rolou em um riacho chamado das Tocas. Para tirá-lo de lá trabalhamos muitos dias, pois, com o peso, ele ameaçava afundar no leito barrento do rio.

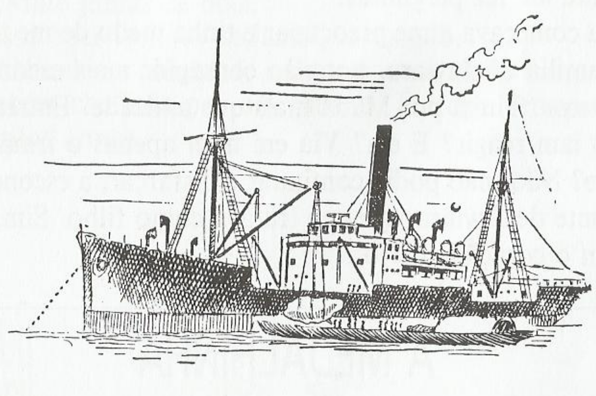
Recomeçamos, depois, a marcha, e tivemos que fazer uma ponte provisória, de madeira, sobre o rio Jacurici. Enfim, rapazes, posso dizer que, durante todo o trajeto, o "bicho" escorregou sete vezes de cima do carro.

— Foi mesmo um trabalhão! — falei, admirado.

— Sim. E vocês podem imaginar que só havia a coragem e a força dos braços. Em muitos dias só conseguíamos avançar poucos passos.

— E depois que chegaram à estação de Ja...? — quis saber.

— Jacurici?



— Sim.

— De lá foi o meteorito levado de trem para Alagoinhas e, depois, para a cidade de Salvador. Seu pai seguiu até lá, acompanhando a pedra, orgulhoso de ter participado do duro trabalho. De Salvador foi transferida, então, em vapor, para o Rio de Janeiro, onde se encontra até hoje, exposta à curiosidade pública no Museu Nacional.

Ficamos ainda várias horas olhando para aqueles lugares e ouvindo as explicações de Barnabé. Chegou ele a dizer, entusiasmado, que, se não fosse meu pai, o bendengó ainda estaria no sertão.

Aquela afirmativa eu tomei como fruto da amizade de Barnabé e do desejo de valorizar a imagem do velho diante do filho.

Voltamos para casa só à tardinha e eu me sentia realmente orgulhoso por meu pai ter participado de tão extraordinária aventura, que era também um feito histórico. Nem tive tempo para lhe perguntar sobre Canudos.

Quando nos despedimos, convidamos Barnabé para ir passear no Chapadão.

— Qualquer dia apareço por lá — respondeu.

Naquela noite mal pude dormir, tomado por muitos pensamentos. Precisava tomar decisões e dar rumo à minha vida. O papel de destaque de meu pai, na aventura do bendengó, exigia de mim, filho de um valente, que também fosse alguém no futuro. E havia Mada.

Notei que ela, ao ouvir a história de meu pai, se interessou mais e até me fez perguntas.

Eu começava a me preocupar e tinha medo de me trair diante da família de Juviara, por não conseguir mais esconder meus sentimentos. Tinha por Mada mais que amizade. Entretanto, como eles iam reagir? E ela? Via em mim apenas o irmão, tal como Zico? Não, não podia continuar a disfarçar, a esconder. Principalmente de Juviara, que me tratava como filho. Sim, ia falar-lhe, com o coração aberto...

A MEDALHINHA

No dia seguinte, logo cedo, enchi-me de coragem. No terreiro, encontrei Juviara refazendo uma cerca, que as vacas haviam derrubado durante a noite. Fazia buracos e carregava palanques[44] de madeira.

[44] palanques: estacas de madeira.

Fui me aproximando e, no momento, senti que podia fraquejar, ou não encontrar as palavras. E como ele ia reagir? Antes porém que começasse ele atalhou, em voz firme:

— Foi bom você aparecer. Preciso de uma conversa. É assunto muito sério!

Então me apavorei. Por certo Juviara, desconfiado, me questionaria a respeito. Senti que o chão fugia a meus pés diante daquele homem rijo, que sabia dar ordens e enfrentar perigos.

Fiquei a olhar para ele, sem saber o que dizer.

— Sabe, Didico, ia falar com você ontem, mas não quis tirar o seu sono. Você parecia muito bem disposto, depois do passeio...

Eu continuava a ouvir.

— É sobre o seu padrinho. Quer dizer, sobre Canudos.

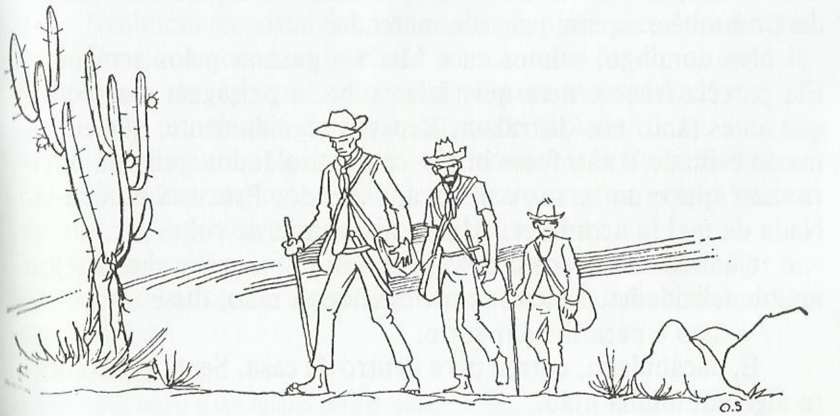
Senti um grande alívio por não receber reprimendas.

— Que aconteceu? — interroguei depressa.

— As coisas vão mal. Vem uma grande expedição contra a gente do Conselheiro. O patrão chegou ontem de Salvador e me contou. O governo convocou soldados, de todos os Estados, que vão à luta sob as ordens de um general. A tropa já está em Monte Santo. São uns dois mil combatentes e um grande canhão, puxado por vinte juntas de bois.

— Isso é terrível! — exclamei, assustado.

— Além dessa coluna de militares, vem vindo outra de Aracaju, também chefiada por um general. É tropa bem preparada e com muitas armas.



— Desta vez os sertanejos não agüentam, não é?

— Estou pensando, Didico, e já tomei um resolução. Espero que você concorde.

Encarou-me decidido, e, antes que dissesse, atalhei:

— Estou pronto para o que der e vier!

— Antes assim. Então vamos buscar seu padrinho, enquanto é tempo. Ficar lá é morrer na certa.

Uma grande alegria apoderou-se de mim, pois há tempos imaginava um plano, que, sozinho, não podia realizar. Mas, pensando nas responsabilidades de Juviara para com a família e o trabalho, mostrei-me indeciso:

— Não, amigo. Vejo que faz isso por mim e não posso aceitar. A viagem é longa e perigosa.

— Eu sei, Didico, já pesei os prós e os contras. Nhô Tico, o antigo patrão, também foi pra lá e precisa de ajuda.

— Mas... não existe outro modo?

— Não, Didico. Minha família concorda e Zico fica por aqui, tomando meu lugar.

— E se Barnabé fosse com a gente? — lembrei. — Ele conhece cada trilho, daqui até lá!

— É verdade.

— No dia seguinte fomos procurá-lo. A princípio, recusou, achando a viagem difícil e perigosa. Mas depois Juviara o convenceu, e acertamos o dia da partida.

— Vai ser grande o risco — advertiu nosso amigo.

Não havia muita coisa a preparar para a viagem. Entre minhas coisas, meti a carta de meu pai num velho paletó do tempo do Corumbê e esperei pelo dia marcado.

No domingo, saímos eu e Mada a passear pelos arredores. Ela parecia triste e nem quis falar sobre a paisagem e as coisas que antes tanto nos distraíam. Repetia, seguidamente, que eu tomasse cuidado e não fosse brigar com os soldados, pois ela ouvira dizer que eram maus e matavam sem dó. Procurei acalmá-la. Nada de mal ia acontecer. Algum dia estaria de volta.

Quando me despedi deles, Zico me abraçou e me desejou muitas felicidades. Mada, ao me estender a mão, disse:

— Isto é para lhe dar sorte.

E, encabulada, correu para dentro de casa. Senti que colocara algo em minha mão.

Acenei adeus e parti. No caminho para Monte Santo vi o que ela me dera: uma medalhinha de metal, com a imagem de São Judas Tadeu e uma inscrição apagada. Beijei-a com emoção.

Mais tarde passei nela um cordel e pendurei-a no pescoço. E nunca mais me separei da medalhinha.

DURAS CAMINHADAS

Passamos por Monte Santo, sem penetrar na cidade, onde grande concentração militar preparava-se para novo assédio[45] a Canudos. Os boatos eram alarmantes!

Em contrapartida, dizia-se que os jagunços estavam mais preparados do que nunca. Escondiam-se na reentrância das pedras, no cimo das ondulações, atrás das raras árvores, no fundo dos valos, em toda parte, e, dissimulados pelos acidentes da natureza, tornavam-se invisíveis para rechaçar as tropas em marcha. Estas iriam receber tiros certeiros, sem saber de onde vinham.

Tomamos logo a estrada do Caldeirão. Barnabé, que a conhecia palmo a palmo, pôs-se à frente. Nós o seguíamos no passo lerdo de nossas montarias. Depois tomamos o caminho de Juá e, bem mais adiante, o do Jueté.

Principiamos, então, a sentir, à medida que avançávamos, cada vez mais próxima, a presença dos sertanejos. De certa feita notei que galhos de arbustos se moviam bem perto de mim. Parei. Chamei por Barnabé, que gritou, mesmo sem ver alguém.

— É de paz! É de paz!

Nenhuma resposta vinha da caatinga, aparentemente deserta.

Continuamos até o início de um caminho fundo, quando Juviara parou de repente e colocou a mão em meu ombro.

— Vi um chapéu de couro, atrás do espinheiro.

— É de paz! — gritamos. — Viemos ver o Conselheiro!

Nenhuma resposta ainda dessa vez e, mesmo com a certeza de que nos espreitavam, avançamos cautelosos.

Aquele silêncio nos deixava apreensivos e nervosos. Por outro lado, o cansaço e a sede, sob o sol forte, iam se tornando insuportáveis.

---

45 **assédio**: cerco a um reduto para o tomar.

Em certo trecho, resolvemos abandonar os animais de montaria. Estavam estropiados, devido aos acidentes do terreno, não conseguiam movimentar-se e até corriam risco de despencar conosco, encosta abaixo.

Aproveitávamos as horas frescas das madrugadas e das tardes para a penosa caminhada, pois durante o dia o sol a pino nos castigava terrivelmente. Estávamos esgotados e quase não podíamos parar em pé.

Até que, ao fim de mais alguns dias, presenciamos uma cena chocante. Lembro-me bem, era à tardinha e nos encontrávamos no alto de uma ribanceira.

Juviara tentou desviar-me para que eu não a visse, mas já era tarde. Na encosta, suspensos nos galhos de algumas árvores, várias fardas balouçavam ao vento. Eram soldados da última expedição que tinham sido mortos. Deles agora só restavam as roupas.

Ao longo da estrada, dos dois lados, encontramos crânios espetados na ponta das estacas. Estavam ali para advertir sobre o destino que teriam os atacantes do arraial.

Baixei os olhos e tive vontade de vomitar.

Juviara acelerou o passo e fomos vencendo o estirão[46] até um valo próximo quando, inesperadamente, vários indivíduos armados nos detiveram.

— Alto lá! — gritou um, que parecia ser o chefe e que vim a saber depois chamar-se Joaquim Macambira.

— Somos de paz — respondemos.



[46] estirão: trecho do rio que corre em linha reta.

Tinha a tez queimada e suja de poeira, maltrapilho. Os demais pouco dele diferenciavam.

— Para onde se apincham[47]?

Juviara respondeu ardilosamente:

— Viemos para ver o "santo" Conselheiro. O menino aqui é afilhado de um fiel...

O homem me encarou e, franzindo a testa, inquiriu:

— Quem é ele?

— Chico. Chico-Vira-Mundo. Conheço também nhô Antônio Beatinho.

— Ah, o Beato?!

Macambira desconfiava. Examinou-nos de alto a baixo, olhos espetados em cada um de nós.

— Entreguem as armas!

— Não temos nenhuma — respondeu Barnabé.

— Vão em frente. Mas, se mentem, vão pagar caro!

— É a verdade! — replicou Juviara.

Seguimos, empurrados por dois homens do grupo.

ENCONTRO COM PADRINHO

Logo à frente, transpusemos o rio Vaza-Barris e começamos a subir para o arraial.

Que lugar esquisito aquele! Parecia um presépio de casinholos rústicos de barro e madeira, grudados um no outro e a formar vielas, que se entrecruzavam em desalinho, num verdadeiro labirinto.

Grupos armados nos olhavam em silêncio, medindo-nos da cabeça aos pés. Eram homens magros, barbudos, e suas roupas estavam rasgadas e sujas. Sua aparência nos assustava. Confesso que um grande desânimo se apoderou de mim.

Um grupo de garotos carregando armas se aproximou de nós com olhares inquisidores. Ouvi quando alguém chamou por Quinzinho e por Mundéu, que pareciam ser o chefes.

Poucos passos adiante, um dos cabras ordenou parada.

[47] se apincham: vão, atiram fora, arremessam, pincham.

— Como é mesmo o nome de seu padrinho?

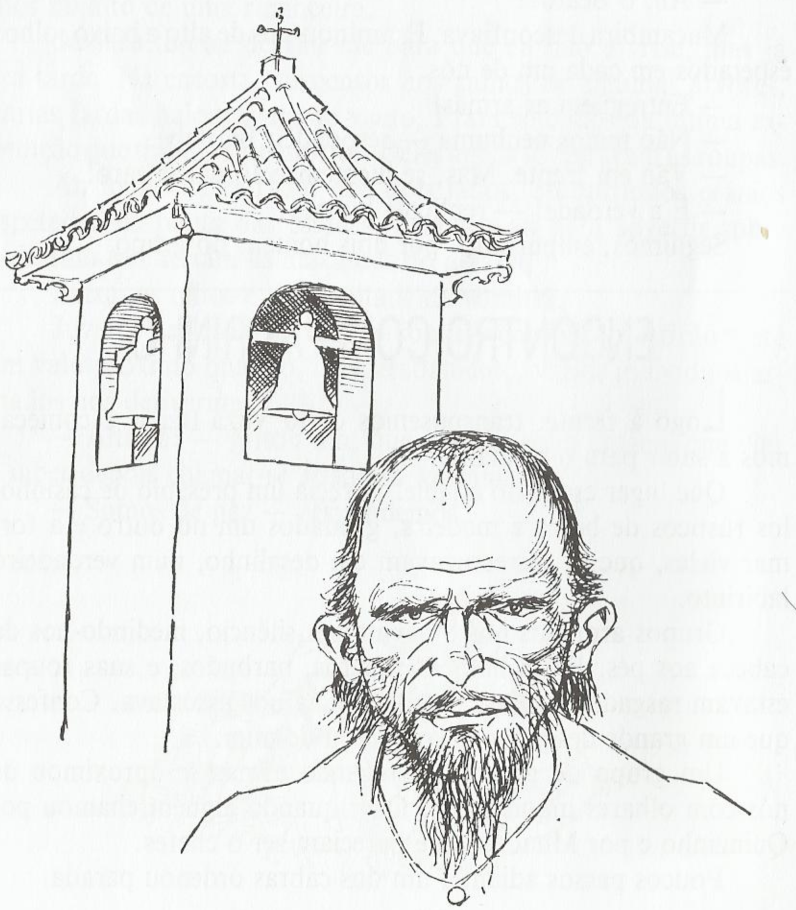
— Chico. Chico-Vira-Mundo.

— Ele é amigo do Beato?

— Sim.

O outro enveredou igreja adentro, enquanto permanecíamos vigiados.

Por todo lado havia desolação e miséria. Casas destruídas, telhados caídos, sinais de fogo, um muro no chão, a igreja com a torre ameaçando desabar.



O jagunço não demorou e, à nossa frente, disse:

— Seu padrinho já vem!

De fato, pouco depois vimos aparecer, à porta da igreja, uma figura com longas barbas e cabelos compridos em desalinho, vestindo camisolão escuro, de brim zuarte[48].

Mal pude reconhecê-lo quando se aproximou. Magro e feio, creio que até madrinha, se o visse, iria se assustar com a sua aparência. Apoiava-se a um bordão e, ao chegar, em passo cansado, pôs-se a nos olhar de modo indiferente.

— Padrinho, sou eu, o Didico do Corumbê.

— Sim, sim. Você veio também para ser um dos nossos?

— Padrinho, preciso muito falar com o senhor, sobre as coisas que aconteceram.

— Quem são esses aí? — interrogou ele, olhando desconfiado para os meus dois companheiros de jornada.

— Juviara, meu amigo lá do Chapadão, e Barnabé, que foi companheiro de meu pai.

— Vieram todos para ver o ''santo''?

— Padrinho, quero lhe dizer, é assunto muito sério.

Ele nos olhou mais uma vez, demoradamente, como se quisesse adivinhar pensamentos, e fez sinal para que o seguíssemos em direção a uma casa rústica à frente.

A porta estava aberta e vimos que estava vazia.

— Não tem gente mais aí. Todos morreram lutando contra os malditos soldados... — explicou.

Entramos atrás dele.

— É sobre isso que viemos dizer ao padrinho... — aproveitei. — As tropas vêm vindo. São milhares de combatentes, muito bem armados. É impossível resistir. Saia daqui, enquanto é tempo.

Ele parecia não me ver, perdido em seus pensamentos. Pigarreou duas vezes e depois deu de ombros, com indiferença.

— Que venham! Ninguém vencerá o Conselheiro. Vão acabar como os outros, mortos aí pelas estradas. Vocês não viram os esqueletos pendurados nas árvores? O inimigo não põe os pés em Canudos.

— Eles têm canhões, padrinho!

---

[48] zuarte: pano azul ou preto de algodão rústico; ganga azul.

— Não adianta. Os canhões são muito pesados e atolam nos caminhos. Deus protege este lugar contra os filhos de Satanás!

Juviara adiantou-se, com ímpetos de agarrá-lo pelo pescoço, mas apenas gritou:

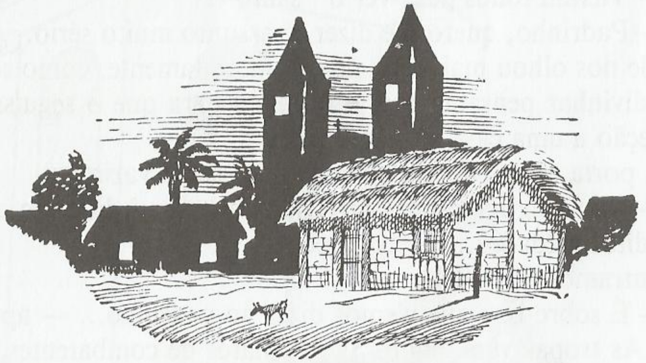
— Idiota, você não vê que isto é uma loucura, que todos vão morrer?

Naquele momento percebi que Barnabé se colocava entre Juviara e meu padrinho e tinha um gesto compreensivo para com o pobre homem.

— Vamos voltar — disse, percebendo a inutilidade de qualquer tentativa para convencer padrinho.

Este, com olhares vagos de quem não via as coisas desta terra, saiu apoiado em seu bordão. Então não mais me contive e, junto à parede de barro, comecei a chorar.

— Nada podemos fazer, Didico. Ele escolheu seu próprio destino. Agora precisamos sair daqui — disse Juviara . — Descansamos esta noite e, pela madrugada, partimos.



— Será que esses malvados não nos atacam? — perguntei.

— É uma pobre gente revoltada — retrucou Barnabé.

Nesse momento, comecei a entendê-lo melhor. Ele parecia ver as coisas do lugar de modo diferente. Enquanto Juviara se revoltava, condenando a situação de dor e miséria, Barnabé parecia mais calmo e compreensivo.

Foi ele quem me chamou a atenção para o bando de moleques quase nus, que vimos à nossa chegada.

— Pobres meninos! Com certeza seus pais morreram lutando por aí e estão famintos. E, agora, eles são também combatentes.

Fechamos bem a porta do casebre e tentamos descansar. Eu ficaria de sentinela até que escurecesse, enquanto Juviara e Barnabé se revezariam durante a noite na vigia.

O "BEIJA" DAS IMAGENS

À noitinha, pelas frestas da parede, presenciamos uma cerimônia religiosa.

A multidão de fiéis se aglomerava no pátio fronteiro à igreja, onde apareceu uma figura minha conhecida. Fez-se silêncio.

— É o Antônio Beatinho — expliquei a meus companheiros, e lhes contei, mais uma vez, ser ele o responsável pelo acontecido a meu padrinho.

Começavam as rezas. Beato puxava o terço e os presentes respondiam em coro. Terminada a reza, tomou de um crucifixo, apertou-o contra o peito, beijou-o religiosamente e entregou-o ao fiel mais próximo. Este repetiu-lhe o gesto e, assim, o objeto foi sendo passado de mão em mão a todos os homens, mulheres, velhos, crianças. Vimos um fiel agarrar-se à cruz e tombar ao solo, mal contendo a emoção e o fervor religioso.

E correu pela multidão um verdadeiro arrepio, quando surgiu, à porta do templo, um velho de longas barbas, cabelos compridos, vestindo longa camisola escura.

Ali estava Antônio Conselheiro!



Todos se puseram de joelhos e o silêncio era tão grande que se podia ouvir ao longe o pio das corujas e o cricri dos grilos.

O homem benzeu os presentes e disse palavras que nós não conseguíamos compreender. Depois afastou-se a passos lentos e claudicantes[49].

— Seu padrinho nunca mais sairá deste lugar — comentou Juviara.

— Tornou-se um seguidor fiel do Conselheiro — acrescentou Barnabé — e parece muito feliz...

— Isso a gente não sabe — contestei.

49 claudicantes: que mancam, capengas.

Nesse momento vimos um mulato troncudo se colocar no andaime da igreja, à frente dos assistentes, e muitas vozes começaram a gritar:

— É Pajeú! É Pajeú!

Ele esperou que voltasse o silêncio e disse:

— Gente valente, vamos repetir, para ninguém esquecer, as regras do "santo" Conselheiro!

E passou a declina-las, em seu vozeirão, enquanto os fiéis, após cada uma, respondiam em estribilho[50]. Mas só ouvimos algumas delas!

— A pinga é inimiga traiçoeira. Ninguém deve beber!

— Assim seja!

— Não matar!

— Assim seja!

— Não roubar!

— Assim seja!

— Temos que sair logo daqui — exclamou Juviara, cada vez mais inquieto.

PRISIONEIROS

Durante a noite não pregamos os olhos. Ouvíamos vozes abafadas, correrias pelo pátio, gritos e mesmo tiros espaçados. Juviara e Barnabé olhavam pelas frestas da parede, preocupados. Eu continuava cada vez mais arrependido por ter vindo, menos por mim que pelos dois companheiros, que, afinal, nada tinham a ganhar com a estranha e perigosa aventura. Todos corríamos perigo. E não sabíamos como sair dali.

Pela madrugada, com os primeiros clarões do dia, fomos distinguindo melhor os vultos que passavam agitados de um lado para outro das ruas. Falavam em vozes abafadas. Ouviam-se ordens de comando.

Juviara aguardava o momento certo para fugirmos e quando este chegou deu a ordem:

— Vamos em frente até a ladeira e de lá corremos em direção à capoeira, do outro lado do Vaza-Barris.

[50] estribilho: verso repetitivo, no fim de cada estrofe ou frase.

— Temos que enfrentar os espinheiros — exclamou Barnabé.

— É o único jeito!

Recordei-me, então, de que muitas dificuldades já tínhamos vencido antes e aquela não seria a pior.

Juviara, porém, tirou nosso entusiasmo.

— A porta foi trancada por fora!

— Vamos tentar pelos fundos!

Barnabé correu para lá.

Estava também obstruída por uma forte viga.

Juviara, indignado, com forte impulso dos ombros tentou romper a madeira. As paredes tremeram, mas inutilmente.

— Estamos enjaulados!

Meu amigo ia de novo investir contra a porta quando vimos, pelos buracos da parede de barro, dois canos de fuzis a mergulharem para dentro, apontados para nós, e tratamos de nos encolher, reconhecendo que a fuga seria impossível.

— Miseráveis, bandidos — xingou Juviara, inconformado.

PRINCÍPIO DO CERCO

Pelas vozes que chegavam até nós íamos tomando conhecimento do que se passava: as tropas vindas de Monte Santo entravam em combates encarniçados com os jagunços, que, escondidos pela caatinga, ofereciam grande resistência e lhes infligiam muitas baixas.

Grupos, no pátio fronteiro à igreja, discutiam ordens, apanhavam armas e partiam para fora do arraial.

— Cada tiro precisa ser certeiro. Não percam a munição!

Quem assim falava era um dos chefes, João Abade.

Esquecidos na prisão, só à tardinha, depois de reclamarmos, nos trouxeram um pouco de farinha e uma bilha[51] com água. Nada mais havia para comer.

O assobio de balas e, de vez em quando, o estouro ensurdecedor de uma peça de artilharia indicavam o cerco. Temendo alguma bala perdida, tratamos de nos deitar no chão.

[51] bilha: vaso bojudo de gargalo estreito; moringa.

O tiroteio cerrado de vez em quando se interrompia. Isso nos animava, pois pensávamos que ia parar, mas logo recomeçava com maior intensidade.

No dia imediato um tiro de canhão atingiu os casebres perto de nós e as paredes quase nos esmagaram. Escutamos, então, terríveis imprecações dos jagunços reunidos no pátio, em desespero e a correr de um lado para outro. Gritavam contra a matadeira. "Matadeira" era a peça de artilharia.



O ATAQUE AO CANHÃO

Presos naquele casebre, presenciamos um acontecimento comovente e trágico. Os tiros de canhão continuavam a fazer grandes danos e provocavam incêndios e um petardo atingira a igreja. Um grupo então se reuniu, bastante revoltado, no terreiro em frente ao casebre. Entre eles estava o filho de Joaquim Macambira, Quinzinho, meninote de doze anos. Este chegou-se ao pai e disse:

— Eu quero escangalhar a "matadeira".

O terrível guerrilheiro, que tantas baixas tinha causado às tropas, encarou o filho admirado.

— Como assim, Quinzinho?

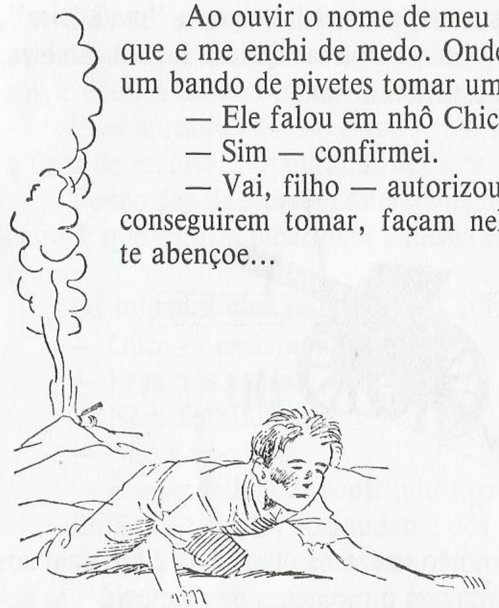
— Levo o meu bando: o Mundéu, o Lacraia, o Quicé, o Frangote, o resto da turminha, que o senhor conhece, e alguns marmanjos. Quixaba está pronto, nhô Chico-Vira-Mundo também...

Ao ouvir o nome de meu padrinho, senti um choque e me enchi de medo. Onde se viu aquela loucura, um bando de pivetes tomar um canhão?

— Ele falou em nhô Chico! — disse Juviara.

— Sim — confirmei.

— Vai, filho — autorizou Macambira. — Se não conseguirem tomar, façam nele algum estrago. Deus te abençoe...



— Eu vou escangalhar a "matadeira" e meter um ferro ou pau de cerne na bocarra do "bicho". Assim ele pára de cuspir "brasas"!

Quinzinho Macambira saiu apressado e entrou na igreja nova. Certamente ia ouvir o Conselheiro.

Minha esperança era a de que o velho não concordasse com tanta loucura.

Enquanto aguardava, o tempo não parecia passar. Nervoso, eu andava de um lado para outro, dentro do cubículo. Juviara e Barnabé não podiam esconder, também, sua ansiedade. Era incrível que meu padrinho pudesse se aventurar numa tentativa tão temerária.

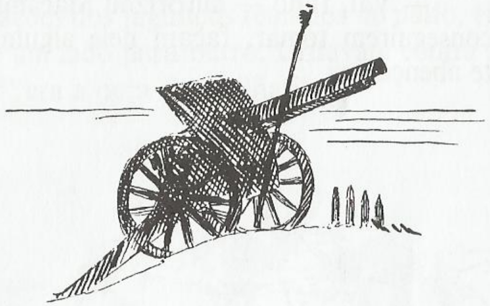
Finalmente Quinzinho Macambira regressou. Não conseguira falar com o Conselheiro. Mas não desistia da idéia de tomar, a pau, o "monstro de ferro".

Reuniu a turma e esta desapareceu nas sombras da noite, rumando para a caatinga.

Mais tarde, soubemos com detalhes o que acontecera no território inimigo.

No dia seguinte, por volta do meio-dia, quando a tropa descansava, derreada pelo calor, eles se aproximaram, rastejando entre os arbustos.

A poucos passos estava o terrível inimigo, a "matadeira", que vomitava fogo pela bocarra aberta. Quinzinho Macambira, Mundéu e meu padrinho estavam à frente.



Quinzinho, excitado, não tirava os olhos dela e fez sinal aos companheiros, que aguardavam o momento de avançar.

Os soldados permaneciam silenciosos. Uns dormiam, outros descansavam. Mas havia sentinelas a vigiar, andando de um lugar para outro, com o fuzil às costas.

Uma delas caminhou para a encosta, apoiou o fuzil num tronco e sentou-se.

Nesse momento o Macambira mirim ergueu o braço e deu o sinal. Os companheiros vieram atrás, correndo juntos, saltando moitas de espinheiros até se aproximarem da "matadeira", que parecia dormir, ou jiboiar.

Os atacantes carregavam barras de ferro, pedaços de pau, facões, foices e machados.

Quinzinho, à frente de todos, ergueu sua pesada alavanca e vibrou-a, com toda a força, contra o cano de aço.

A pancada retiniu pelo acampamento e ressoou em eco. Os companheiros, com entusiasmo, também agrediram com paus e facões o "bicho" pesado, que mais parecia um paquiderme[52], a sofrer leves picadas de mosquito.

---

[52] paquiderme: bicho que tem a pele espessa. Elefante, rinoceronte.

Deu-se, então, o alarma e toques de cornetas despertaram os soldados, que, afoitos, agarraram suas armas. Ouviram-se tiros, correrias desencontradas, ordens de comando, gritos de dor.

E os atacantes foram caindo, um a um, a golpes de sabres, a tiros de revólver, a pancadas de fuzis.

Pouco depois estavam estendidos, imóveis, diante da "matadeira", que parecia olhar para aquela cena com desprezo e indiferença.

Os soldados contaram quantos eram.

— Onze — exclamou alguém.

— Pegamos todos?

— Não. Escapou um.

— Não é possível!

— É a verdade, um conseguiu fugir.

Então, o tenente, comandante dos soldados, exclamou:

— Tenho dó desses meninos. Não sabem o que fazem! Onde se viu tentarem tomar o canhão a pau?!

Um dos presentes justificou:

— Foi o desespero da situação. E isso tem um lado heróico!

— É verdade. Demonstraram valentia.

À tarde vimos o único sobrevivente do ataque chegar ao acampamento, ensangüentado e com a roupa em pedaços. Estava quase irreconhecível. Era um rapazola magro, pele queimada e cabelos ouriçados. Demonstrando altivez, contou aos que se aproximavam os lances daquele assalto e da luta desigual travada.

Joaquim Macambira aproximou-se de Mundéu, companheiro de seu filho. Ouviu-o em silêncio e, depois, saiu devagar, caminhando na direção do Vaza-Barris. Não precisava avisar mais ninguém da morte dos meninos, pois ele era o último dos pais vivos no arraial. Não restava nenhum outro.

À tardinha, o povo rezou pela alma dos valentes que não voltaram.

Senti, também, uma grande dor. Não só por padrinho, mas por todos aqueles meninos da minha idade. Embora só tivesse ouvido pouco sobre o bando de Quinzinho, eu me senti, por alguns momentos, participante de seu lance de desespero.



DIAS DE ANGÚSTIA

A luta prosseguia acirrada nos arredores e já entrava pelas vielas. Percebemos que a vigilância sobre nós afrouxara enquanto os sertanejos mal podiam se defender, embora alguns se gabassem de terem abatido, algum tempo antes, os comandantes Moreira César e Tamarindo.

As novas forças do governo, em ação, cercavam as saídas e impediam os moradores de se aproximarem das cacimbas. Todos sabiam que o arraial não ia resistir por mais tempo.

Desesperado, Juviara resolveu fazer outra tentativa de fuga quando viu um velho alquebrado e faminto passar rente à parede. Chamou-o e implorou-lhe que levasse um recado a Beatinho. Não éramos inimigos e ali acabaríamos morrendo.

O homem fez um gesto positivo e partiu.

Ao escurecer, uma figura magra e conhecida apareceu à entrada. Então enfrentei o Beato, decidido:

Estou aqui por sua culpa. Vim buscar meu padrinho que o senhor trouxe do Corumbê. Infelizmente ele morreu. Tire a gente daqui, pois não somos do lado do governo.

Beatinho tinha o ar de indiferença e desprezo.

— Se são amigos, lutem pelo Conselheiro e atirem sem dó nos soldados.

Eu me enchi de revolta. Tudo o que queríamos era fugir, o mais depressa possível. Mas Juviara, ardiloso, tentou convencer:

— E como vamos lutar sem armas?

Beatinho retirou-se e, horas depois, dois homens abriram a porta e nos entregaram fuzis e munição que haviam recolhido de soldados mortos. E advertiram:

— Se tentam fugir, levam balaços!

No pátio da igreja, nos misturamos aos muitos sertanejos que aguardavam ordens para partir em direção à caatinga. Foi quando chegou um espia, vindo de Monte Santo, e informou que novo e poderoso contingente de tropa, com muitas armas, preparava-se para o ataque e, vindo da capital do país, chegara para o comando o próprio Ministro da Guerra.



Certo dia, a peça pesada bombardeou o arraial e o disparo acertou a igreja.

— Em Monte Santo os atacantes reúnem centenas e centenas de burros de carga — explicava o espia aos companheiros atentos.

— Uai, por que tanto burro assim?

— Não sei.

A verdade é que o comando militar, como soubemos mais tarde, principiava a organizar um comboio regular para ir de Monte Santo a Canudos, conduzindo armas, munições e alimentos. Dessa maneira os soldados da vanguarda[53] não iriam sofrer falta de provisões, como acontecera antes.

— Essa é, a meu ver — comentou Juviara em voz baixa —, uma decisão acertada.

— Por quê? — inquiriu Barnabé, sem compreender.

— É impossível combater neste lugar sem que as tropas estejam bem abastecidas. De Monte Santo até aqui são muitas léguas através da caatinga. Com os burros indo e vindo, as tropas recebem comida e munições e os feridos podem ser retirados para a retaguarda. Vocês ouviram que eles assaltam propriedades próximas e arriscam a vida para apanhar um cabrito. Soldado de barriga vazia não luta.

— Dizem que já tem mais de oito mil atacantes em luta — disse Juviara.

— É tanto assim? — indaguei.

Quem ia pensar que essa guerra, principiada em Uauá, ia demorar tanto e matar tanta gente?

— É verdade — acrescentou Barnabé —, e, nesta altura, eu começo a ver as coisas de modo diferente. Esse povo não me parece culpado de tanta desgraça. É que uma coisa foi levando à outra. O conselheiro veio para Belo Monte querendo fazer um refúgio para o povo pobre, injustiçado ou perseguido. E o governo reagiu, pensando que o profeta, por não gostar da República e sim da Monarquia, queria formar um Estado separado do Brasil.

E quem é o maior culpado então? — perguntei, bastante confuso.

— Culpado a meu ver é o governo, que não dá instruções para o povo, não cuida da saúde e deixa todo mundo sofrer com

53 vanguarda: dianteira do exército, frente.

as secas, como nós, que tivemos que abandonar as nossas terras e fugir pra longe...



— E como ele pode ajudar o povo? — perguntei.

— Fazendo açudes, dando leitura e curando a gente pobre. Assim ela não ia seguir qualquer "salvador do mundo" que aparecesse por aí prometendo vida melhor — completou Barnabé.

Certo dia, de novo, a peça pesada bombardeou o arraial e o disparo acertou a igreja. O teto se esfarelou com grande ruído e lá se foi ao chão, badalando no ar, o sino que todas as tardes chamava os fiéis às orações.

O acontecimento provocou maior ódio dos sertanejos. Alguns até se puseram a abraçar o bronze, desconsolados.

No final daquele mês fomos obrigados a partir contra o inimigo. Vigiados de perto, fingíamos atirar na direção deles, mas os canos de nossos fuzis estavam voltados para o céu.

Foi muito triste quando vários sertanejos, aprisionados pelo inimigo, sofreram brutalidades e até mortes sem piedade. Isso incentivava os últimos lutadores a não se entregarem.

ESTRANHA RENDIÇÃO

Certa noite fui designado para buscar um balde d'água. Juviara me acompanhou. Os tiros assobiavam rente a nós. Um deles atingiu a vasilha de meu companheiro. Voltamos rastejando, mais mortos que vivos, com poucos litros do precioso líquido, mas escapamos por milagre.

Uma parte da aldeia, no dia seguinte, caiu em poder dos soldados e, a seguir, o general-comandante entrou pelas vielas a cavalo. Era um assalto maciço, que oferecia, entretanto, boa pontaria aos canudenses, que atiravam de muito perto.

Os soldados arremessavam dinamite sobre os casebres e espalhavam petróleo para provocar incêndio, mas as suas perdas resultaram muito altas — mais de seiscentos ficaram fora de combate.

Houve então aglomeração no pátio da igreja e Beatinho pôsse a falar aos sertanejos. Depois ergueu um pedaço de pano branco, na ponta de um pau, e saiu acompanhado de um dos homens.

A luta pode terminar, pensamos muito alegres.

Fomos saber o que havia acontecido e todos estavam muito tristes. Alguns, desesperados, clamavam em altos brados seu desconsolo:

— O "santo" morreu!

— Deus levou o Conselheiro!

Beatinho ia tentar a paz com os atacantes.

De fato, recebido do outro lado, contou a verdade e explicou que alguns desejavam render-se. Entregavam-se com a única condição de lhes salvarem a vida.

A proposta foi aceita e Beatinho e seu companheiro regressaram.

Formou-se, logo depois, o cortejo dos que iam entregar-se.

Nós, imediatamente, nos misturamos às dezenas de velhos e crianças que se acotovelavam na praça, mas fomos impedidos.

— Que é isso? — protestamos. — Vamos nos entregar também.

— Idiotas! — berraram eles. — Só os velhos, as mulheres e as crianças é que vão para o outro lado, pois não temos mais comida para eles. Os soldados que cuidem de alimentá-los. Todos os demais continuam a lutar.

Percebemos a farsa.

Em seguida, numeroso grupo se deslocou em direção às trincheiras adversárias com Beatinho à frente e uma bandeira branca.

Os soldados os receberam com grande alegria, pensando tratar-se da rendição do arraial.

Perceberam o engano quando deram pela falta de Beato, que fugira em meio à confusão e retornara para o nosso lado.

À noite recomeçou o bombardeio, que ia se prolongar pelos dias seguintes. E os últimos sobreviventes pareciam dispostos a lutar até a morte. Entretanto, a vigilância sobre nós diminuíra e resolvemos enfrentar a fuga.

— Chegou a hora — disse Juviara.

Saímos pela escuridão agachados e em silêncio para ganhar a caatinga e, quando descíamos para o Vaza-Barris, os soldados atiraram. Escondemo-nos. Depois voltamos a correr, tropeçando aqui e ali, até o leito do rio. Subia da água um cheiro horrível.



Quando íamos ganhando o alto do morro e já nos sentíamos livres, fomos cercados pelos jagunços, que nos apontaram armas, ameaçadores. Entregamo-nos e Juviara tentou explicar a nossa posição. Eles não queriam nos ouvir e, amarrados, fomos conduzidos para a retaguarda. Tivemos sorte, pois alguns queriam nos liquidar ali mesmo.

Presos em um cômodo de madeira muito estreito, por mais que gritássemos ninguém se aproximava, todos entregues à luta desesperada.

À tarde vimos um vulto passar por perto. Reconheci o Mundéu, ferido no braço e no rosto. Chamei-o pelo nome. Ele veio até perto da armação de madeira que nos continha.

— Tire a gente daqui! — pedi.

Mundéu logo tomou de um pedaço de pau e, fazendo alavanca, conseguiu romper a tranca de madeira.

Ele estava fugindo dos soldados, que avançavam à procura de combatentes em todos os casinholos.

— Por aqui, depressa!

Acompanhamos o Mundéu e tomamos por um trilho, que mergulhava na caatinga. Andamos muito tempo correndo, ora agachados, depois nos escondendo, sempre a ouvir o zunido dos tiros.

Finalmente chegamos a uma encosta abrigada onde pudemos descansar muito pouco, depois saímos guiados pelo único atacante da "matadeira" que se salvara.

Seguindo por trilhos, fora da região tomada pelas tropas, mais mortos do que vivos, chegamos finalmente à cidade de Monte Santo, centro das operações militares.

Ali tivemos ajuda de uma família, condoída de nossa situação, que nos abrigou e nos deu comida até que recuperássemos nossas forças para irmos a Salvador.

DEPOIS DA LUTA...

Naquela grande cidade o povo comentava sobre os terríveis episódios da chamada Guerra de Canudos e, por toda parte onde aparecíamos, curiosos desejavam ouvir a narração das nossas aventuras.

Procuramos contar a verdade, sem nenhum exagero, embora tudo nos provocasse tristes lembranças. Temíamos, também, pela situação de Mundéu, único dentre nós que fora defensor real de Canudos. Verificamos, porém, que nos tratavam com simpatia.

Juviara tentou encontrar seu patrão. Foi feliz e esse bom homem muito nos ajudou naqueles dias. Nada lhe revelamos, entretanto, sobre a condição de Mundéu.

Quando passeávamos por uma praça, assistimos a uma cena típica. Dois violeiros cantavam e diziam versos. Aproximamo-nos.

— São os "repentistas"[54], disse Barnabé. — Eles tocam seus instrumentos e, com versos e frases, divertem o povo. Às vezes um critica o outro e aí recebe logo a resposta. É o que se chama desafio.

Percebemos que o tema, naquele dia, era Canudos. Ficamos atentos a escutar. Um deles, baixo, nervoso, dedilhando a viola, cantou:

Agora vou contar
tudo quanto foi passado
nas batalhas de Belo Monte
e a maldade do civilizado
que brigou com a nossa gente
mas acabou desacreditado

Juviara achou interessante ouvir aqueles homens simples contarem, cantando, os fatos do sertão.

O outro violeiro fez versos para os "heróicos" guerreiros: Macambira, João Grande, Pajeú, Pedrão, João Abade, Beatinho e Chico-Vira-Mundo.

54 repentistas: pessoas que dizem frases, versos, histórias de improviso, de repente.

Nós, que conhecíamos todos eles, ficamos arrepiados.

O primeiro violeiro replicou e, então, elogiou os soldados. Disse que eles cumpriram seu dever, com coragem e muitos sacrifícios. Não mereciam castigos. Culpado era o governo, que deixava o sertanejo no abandono. Não cuidava da leitura, da saúde e não combatia a seca. A miséria levara ao desespero!

Ficamos ali a ouvir, ainda por bom tempo, os cantadores e daí me alegrei porque um deles também fez bonitas trovas e versos de amor.

Foi então que tive uma idéia que, no dia seguinte, pus em prática.

Conseguimos, também, um manifesto[55] pelo qual estudantes da Bahia se dirigiam à nação sobre aqueles acontecimentos.

Barnabé leu-o à noite, no quarto onde estávamos alojados:

"Os signatários[56] da presente publicação, tendo até agora esperado embalde que alguma voz se levantasse para vingar o direito, a lei e o futuro da República, conculcados[57] e comprometidos no cruel massacre que, como toda a população desta capital já sabe, foi exercido sobre prisioneiros indefesos e manietados em Canudos, e até em Queimadas; e julgando ao mesmo tempo que, nem por haver cumprido um dever rigoroso, é lícito ao soldado de uma nação livre e civilizada colocar-se acima da lei e da humanidade..."

Tentávamos compreender aquelas palavras, que assim concluíam:

"Combatendo naquelas paragens pelo restabelecimento da soberana autoridade das leis, ninguém tinha lá o direito de desprezá-la erigindo-se, fora da luta, em supremo árbitro[58] da vida e da morte, quando a própria majestade da República não recusa ao mais miserável e torpe dos seus prisioneiros o sacratíssimo e iniludível direito de defesa..."

— Os moços têm razão — explicava Juviara. — Muitas barbaridades foram praticadas.

55 manifesto: declaração pública para justificar atos ou direitos.
56 signatários: que assinam ou subscrevem um documento.
57 conculcados: desprezados, vilipendiados.
58 árbitro: juiz, senhor absoluto.

— É verdade — confirmava Barnabé, olhando para Mundéu, que, encolhido em um canto, mal atinava com o significado de tudo aquilo.

— Afinal, tudo terminou. Agora, cada um precisa voltar para a sua casa e começar vida nova.

— É o que precisamos fazer — disse. — Mas — acrescentei, lembrando-me de uma idéia que nos últimos dias me acudira — preciso antes tomar alguma decisão quanto àquela carta dirigida a meu pai, sobre o velho assunto do bendengó.

É isso mesmo — concordou Juviara. — Você ainda tem ela?

— Tenho sim. Está bem guardada no bolso do meu paletó.

— Pois a ocasião é boa. Amanhã vamos ver o patrão e ele dirá onde tratar desse caso.

SURPRESA E RECOMPENSA

No dia seguinte, fui sozinho ao Instituto indicado pelo patrão de Juviara entregar a carta, enquanto Juviara e Barnabé cuidavam de providências para a volta ao sertão.

Caminhei por rua estreita, que ficava no fim de uma praça, e encontrei o prédio. Subi a escada, devagar, bastante medroso e, em cima, vi um senhor, sentado atrás de uma pequena mesa, óculos acavalados no nariz.

Fiquei ali olhando para ele, sem nada dizer e quando, depois de algum tempo, levantou os olhos do seu serviço e deu comigo, perguntou, meio enfadado:

— Que deseja, meu jovem?

— Sou filho de nhô Virgílio Ribeirão.

O homem deu de ombros. Aquele nome certamente nada representava para ele.

Estendi-lhe, então, o envelope, já bastante sujo e gasto. Ele abriu-o sem interesse e leu devagar. Depois cravou os olhos em mim, coçou a cabeça.

— É, isso faz tanto tempo, parece que há qualquer coisa aí no arquivo.

Atravessou a velha sala em direção a um móvel dos fundos, abriu várias gavetas até encontrar um papel que leu com dificuldade, virando-o várias vezes para a luz fraca que vinha de fora.



— Ei, rapaz. Volte comigo.
Seu pai ganhou, também, um prêmio!

— É, está aqui, é isto. Um documento que faz elogio a Virgílio Ribeirão. Seu pai trabalhou no transporte do bendengó? — perguntou.

— Isso mesmo — respondi, com orgulho.

— Pois pode levar este papel. Você sabe ler?

— Não muito bem — confessei.

Ele então começou a ler para mim. Conforme ia falando, meu rosto se abria num grande sorriso. Estava escrito ali uma porção de coisas sobre meu pai. Elogiando o trabalho dele no transporte do bendengó, dizendo que pessoas como ele mereciam a gratidão da pátria. Palavras que comoviam.

Tão entusiasmado fiquei que abracei o funcionário. A alegria daquele minuto compensava uma longa espera e todos os sofrimentos passados.

Despedi-me e fui descendo devagar as escadas, ao mesmo tempo que uma pessoa ia subindo apressada. Quando cheguei embaixo, guardei cuidadosamente a carta no bolso e olhei para o tempo. Era uma bela manhã ensolarada. O casario escuro dourava-se aos primeiros clarões do dia. Manhã bonita como aquela só no meu Corumbê, onde havia calma e nenhuma guerra maldita!

Tomei cuidado para andar na calçada e só caminhara poucos passos, quando ouvi uns chamados:

— Ei, rapaz. Espere um pouco!

Voltei-me. Era o homem que conhecera de pouco e me entregara o documento.

Ele alcançou-me, arfante, e segurou-me pelo braço:

— Volte comigo. Seu pai ganhou, também, um prêmio! Eu não sabia disso. Meu colega, que acaba de chegar, está a par do caso. Faz muitos anos. É um pagamento por serviços prestados e a importância ficou depositada no banco!

Eu mal podia acreditar no que ouvira! Voltei à saleta escura de onde havia saído e lá me explicaram que, realmente, o governo ou uma sociedade geográfica havia destinado certa quantia aos que trabalharam no transporte do bendengó. Somente cinco pessoas tinham direito a ela. O dinheiro, embora pouco, permanecia guardado por dez anos, à espera de que fosse retirado.

Custava-me crer nisso tudo e, ao meu redor, reuniam-se pessoas, comentando o caso incomum.

— Ninguém mais acreditava que o dono do prêmio pudesse aparecer — dizia o funcionário público que chegara por último.

— É, quem é vivo um dia aparece — comentou alguém.

— Meu pai devia ter recebido em vida... — lamentei.

— E, agora, só falta mais uma pessoa para vir buscar o dinheiro. Eram cinco. O senhor é o quarto. O outro não sabemos onde mora.

— Como se chama o último? — perguntou um dos funcionários. — Quem sabe aí o rapaz dá notícia dele ou de algum parente.

— Espere um pouco, vou ver o nome — respondeu o outro.

Saiu de perto de nós e consultou um livro de anotações sobre a mesa.

— É um tal de Barnabé Correia.

— Barnabé? — exclamei admirado.

— É isso mesmo. Está escrito aqui...

— Pois não há de ver que ele está aqui na cidade!

Contei-lhes, então, o que havia acontecido comigo e com aquele amigo.

Fui correndo chamar Barnabé, e o caboclo mal podia acreditar.

Foi um dia de grande alegria e Juviara mostrava-se o mais satisfeito de todos, como se ele tivesse recebido a recompensa. Abraçava-me com entusiasmo e cumprimentava Barnabé com tapinhas nos ombros.

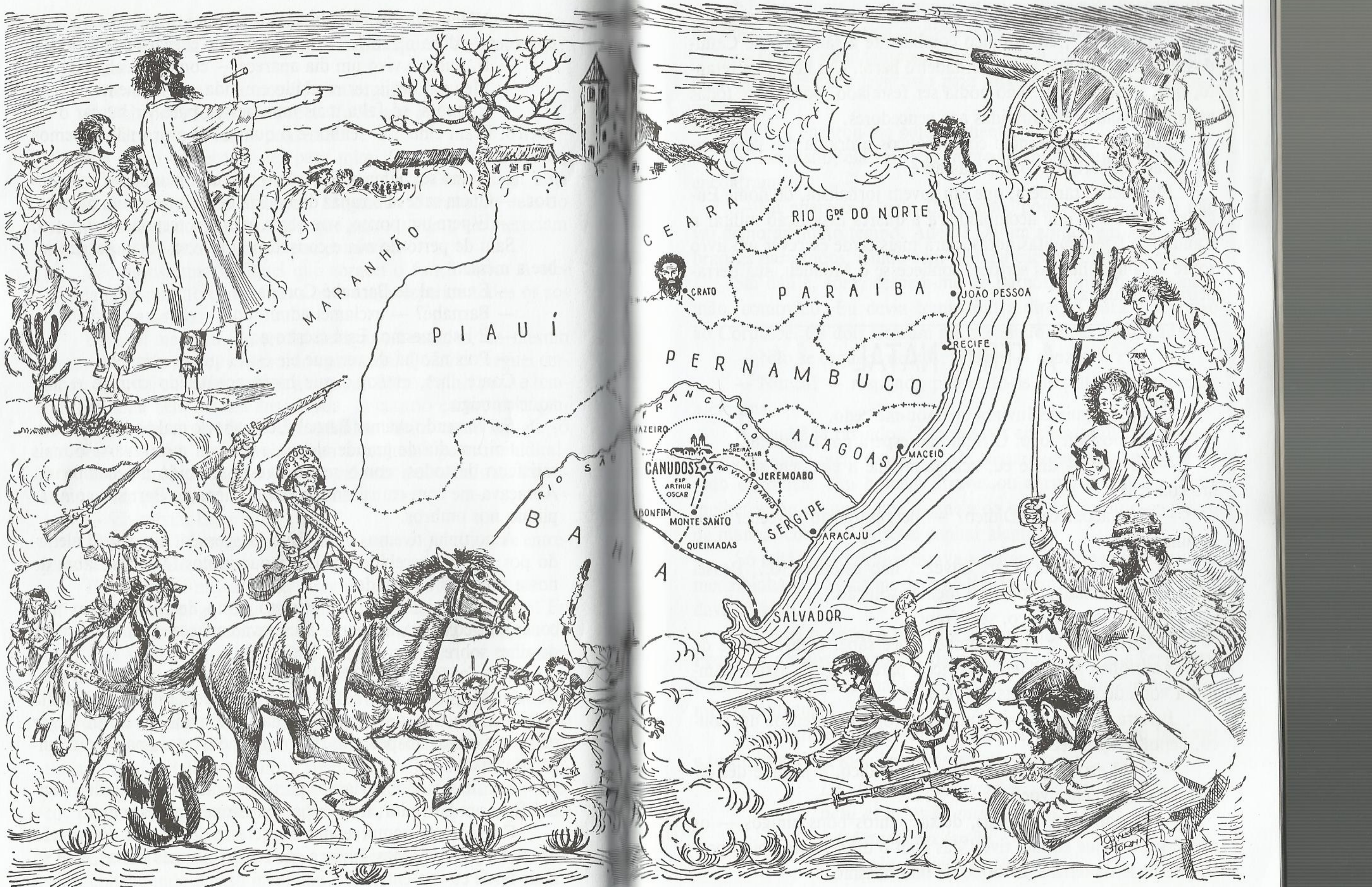
À noitinha tivemos uma visita inesperada. Um moço aleijado por um tiro recebido em Uauá queria nos falar, ao saber de nossa presença na cidade.

Emanoel deixara o exército no posto de tenente, por não concordar com aquela guerra. Desejava conhecer Mundéu e saber detalhes sobre a luta, dentro de Canudos.

Não foi fácil, pois Mundéu, desconfiado, ainda muito abatido, nada queria dizer sobre os terríveis combates. Finalmente resolveu-se e, no dia imediato, quando Emanoel veio ao lugar onde estávamos hospedados, ficaram os dois a sós para uma longa conversa.

No dia seguinte devíamos partir de volta, mas Mundéu decidiu ficar em Salvador, na companhia daquele novo amigo.

Custava-nos compreender o interesse do tenente reformado Emanoel por ele. Mas Juviara me explicou umas coisas, que só mais tarde eu iria entender.


MARANHÃO
PIAUÍ
CEARÁ
CRATO
RIO Gde DO NORTE
PARAÍBA
JOÃO PESSOA
RECIFE
PERNAMBUCO
RIO SÃO
FRANCISCO
ALAGOAS
MACEIÓ
CANUDOS
EXP MOREIRA CÉSAR
EXP ARTHUR OSCAR
JEREMOABO
RIO VAZA-BARRIS
BONFIM
MONTE SANTO
QUEIMADAS
SERGIPE
ARACAJU
SALVADOR
BAHIA

Realmente, aquele menino, que escapara de morrer no assalto à "matadeira", era o único combatente a sair vivo de Canudos. Por isso tornava-se um verdadeiro herói. Um herói, entretanto, que, naqueles dias, não podia ser festejado, pois quase todas as homenagens eram dirigidas aos vencedores.

Emanoel compreendia como poucos o drama dos canudenses e não concordava com o massacre.

Ele queria, também, que um jovem jornalista, de nome Euclides da Cunha, que acompanhara a quarta expedição militar a Canudos e fizera muitas notas, para mais tarde escrever um livro sobre a campanha nos sertões, conhecesse o Mundéu, sua derradeira testemunha.

A TERRA NATAL

No dia seguinte Juviara chamou-me cedo.

— Vamos sair logo. O trem não espera por ninguém.

— Juviara — disse eu, achegando-me a ele, sem saber como começar.

— Que aconteceu, Didico? — perguntou ao perceber meu acanhamento.

— É... eu queria dizer, talvez... não estou certo... Pensei bastante, desde ontem, mas é a melhor solução...

— Diga logo, Didico, seja franco.

— Quero voltar ao Corumbê. Você sabe, com a morte de meus padrinhos aquela terrinha ficou para mim. E, assim, cumpro a vontade deles retornando para lá...

Juviara surpreendeu-se com meu propósito. Pensou um pouco, depois respondeu:

— Você está ficando um homem, Didico, e já sabe decidir o que é melhor para você.

— É, vou sofrer demais, deixar tantos bons amigos — os pais e irmãos que eu não tive. Mas com o dinheiro recebido posso trabalhar na terra e ser dono de mim mesmo.

E, dizendo isso, não me contive e abracei-o, recordando-me dos bons e dos duros momentos que passamos juntos.

— Queria falar também, Juviara, quer dizer, nem sei como começar. Você pode levar isto para Mada? — e entreguei-lhe um papel.

Juviara encarou-me paternalmente.

— Levo sim, ela vai ficar muito triste, mas um dia vocês se encontram.

— Eu apareço lá pelo Chapadão, pode ficar certo. E não vai demorar muito tempo. Adeus! Dê um abraço em Zico e lembranças para todos. Cuide bem de meu cachorrinho Tigüera.

Saí dali e, fora, despedi-me de Barnabé, que apertou-me a mão, comovido. Eu devia tomar outra direção para o regresso ao Corumbê. Os dois ficaram me acenando adeus da calçada.

— Não se esqueça de nós, Didico — diziam.

— Nunca! — respondi, perdendo-os de vista, ao contornar a esquina.

A manhã ia raiando. Os primeiros clarões do dia acordavam a cidade, ainda meio sonolenta. Os pássaros esvoaçavam no arvoredo da praça. Um homem atravessou a rua, apressado. Uma mulher abriu de um golpe a janela da casa e aspirou o ar fresco da manhã, como se quisesse ganhar alento.

Só então percebi que estava segurando, firmemente, aquela medalhinha que Mada me dera no dia da despedida e sempre guardava comigo.

Apressei o passo a recordar a lembrança remetida para ela. Pedira a um dos cantadores da praça que fizesse uns versinhos, bem bonitos, pois eu mal sabia escrever e não podia lhe dizer dos meus sentimentos.

O repentista compreendera os meus desejos e com boa voz e tocando a viola logo improvisara estes versos:

Lá vão minhas saudades
para as mãos de minha amada
Lá distante no sertão
onde não esqueço a minha Mada.

Pedi-lhe, então, que escrevesse aquelas palavras tão bonitas, que mandaria a uma amiga distante.

Continuando a caminhada lembrei-me, mais uma vez, da minha terrinha. A serra, distante, dourando aos poucos e o céu tornando-se muito azul. Depois, toda a vegetação se incendiando de luz.

Manhãs lindas as do Corumbê. Meu chão de infância, que jamais podia esquecer.